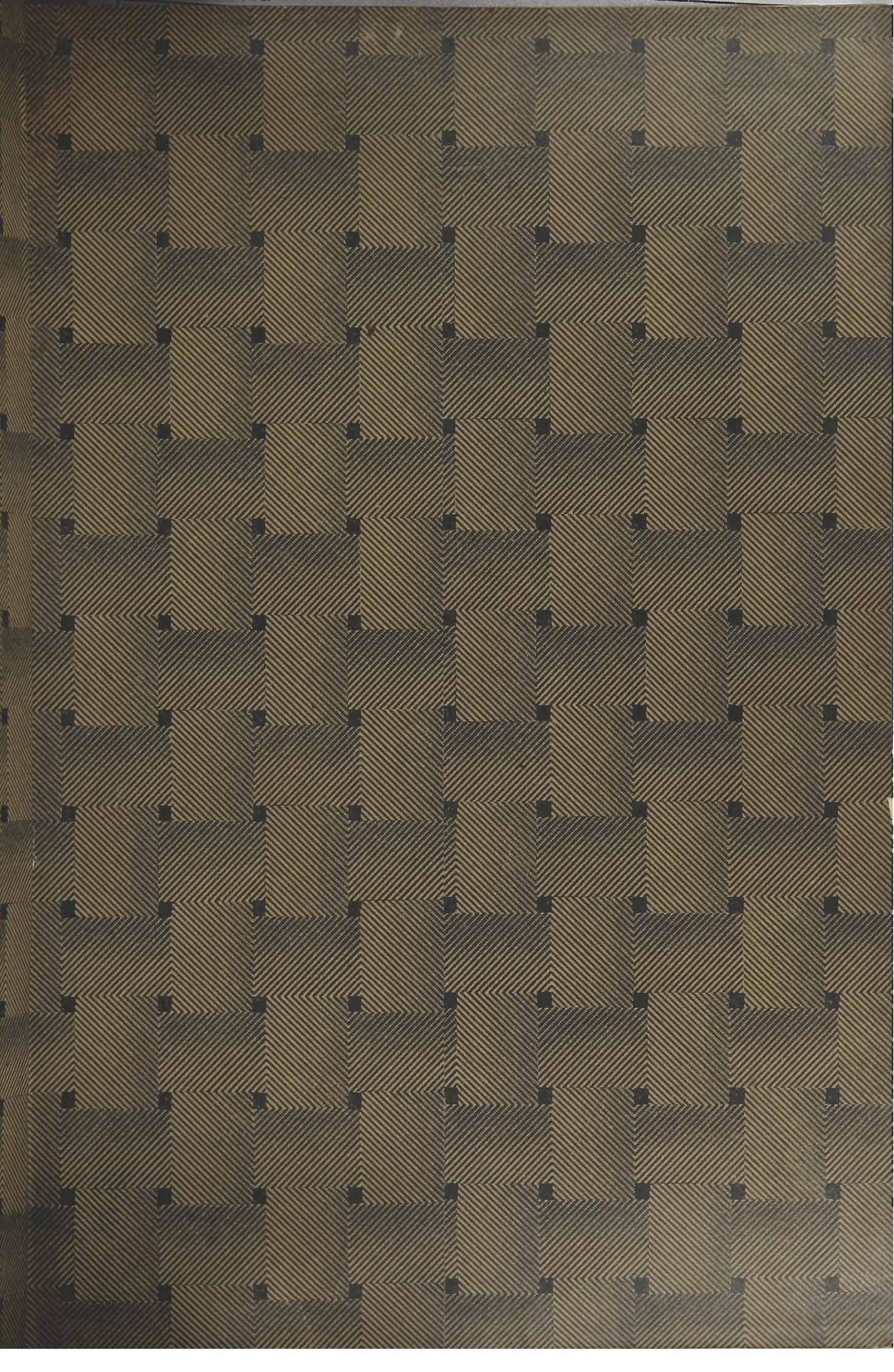


PURTENCE

10

CENTRO ACADEMICO
"OSWALDO CRUZ"

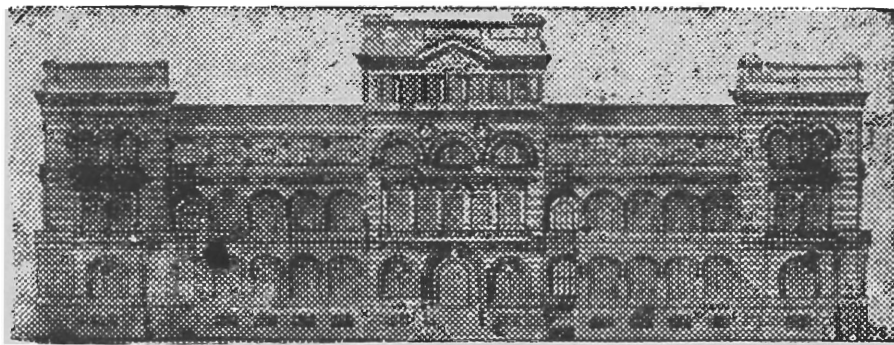
CASA DUPRAT
Papellaria
Typographia
Encadernação
CLICHÉS
Rua S. Paulo
Bento, 21 - S. Paulo



REVISTA DE MEDICINA

Organ do Centro Academico 'OSWALDO CRUZ'

DA FACULDADE DE MEDICINA
E CIRURGIA DE SÃO PAULO



COMISSÃO DE REDACÇÃO

Presidente — Felicio Cintra do Prado
Redactor - chefe — Marcos Lindenberg
Redactores — Durval Bellegarde Marcondes
Pedro de Alcantara
Gastão Fleury Silveira



SÃO PAULO

SELECÇÃO DE OBRAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

1922

SUMMARIO

Arnaldo V de Carvalho	J. C. A.
Um detalhe biographico	DR. LUIZ PEREIRA BARRETTO
Arnaldo V de Carvalho	DR. F. VERGUEIRO STEIDEL
Per il Dr. Arnaldo V de Carvalho.	DR. AFFONSO BOVERO
Arnaldo Vieira de Carvalho	DR. NICOLAU M. BARROS
Apparelho reticular interno de Golgi nas cellulas dos ganglios sensitivos de tatús	MOACYR DE F AMORIM e M. LINDENBERG
Do espirito e coração em medicina.	DR. RAUL BRIQUET
Méthodo de Willis para exame de fézes	DR. SAMUEL B. PESSÔA
Noticiario.	

Ao Prof. Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho

(5 I 1867 — 5-VI-1920)

*Saudoso director e organisador da Faculdade de
Medicina e Cirurgia de S. Paulo*

na occasião do 2.º anniversario de sua morte

Homenagem

da "Revista de Medicina"

Arnaldo Vieira de Carvalho nasceu em Campinas a 5 de Janeiro de 1867. Em sua cidade natal, fez elle os primeiros estudos. Mais tarde, veio para São Paulo, onde concluiu o curso de humanidades. Muito jovem ainda, se matriculou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e em 1888 recebia o grau de doutor, partindo novamente para S. Paulo.

No anno seguinte ao de sua formatura, o Governo de São Paulo o nomeou medico da Immigração. Não se demorou por muito tempo nesse posto. Estando em desaccordo com o Governo sobre as medidas anti-hygienicas lá existentes, e vendo por este protelados os alvitres que elle propunha, tendentes a dar áquelle estabelecimento feição que melhor se amoldasse ás conquistas da sciencia medica, até então atrazadissima em nosso meio, não trepidou o Dr. Arnaldo em dar a sua demissão, dando ao mesmo tempo um raro exemplo de elevação moral e de independencia.

Tendo deixado a Immigração, passou a trabalhar na Santa Casa, onde durante quasi trinta annos prestou serviços inestimaveis, salvando com sua pericia e o seu saber vidas sem conta, amenisando com sua bondade incommensuravel soffrimentos innumerous, e preparando, com o seu exemplo, gerações inteiras para pratica do bem, de que elle foi sempre prodigo.

Intelligencia brilhante a serviço de um espirito investigador, soube Arnaldo Vieira de Carvalho se impor á estima e admiração de seus mestres na vida hospitalar. Depressa os alcançou em technica operatoria, depressa os igualou em segurança no diagnostico. De tal modo se distinguiu elle, que já não só o estimam seus antigos mestres, mas antes o respeitam.

E assim foi, que em 25 de Agosto de 1898, Luiz Pereira Barretto passava a seu jovem companheiro o cargo de director clinico da benemerita instituição.

Arnaldo Vieira de Carvalho foi realmente grande. Moço ainda, occupando posição invejavel, distribuindo a mãos cheias o bem pelos innumerous infelizes que diariamente iam bater ás portas do hospital — acaso não seria isso só bastante para alguns, demasiado para muitos? Mas elle comprehendia a medicina em toda plenitude: saneando o corpo e saneando a mente.

Assim, foi um formador de caracteres pela palavra e pelo exemplo, amparando os fracos, auxiliando os que delle necessitavam auxilio, procurando onde quer que se encontrasse a miseria, para ahi installar seu quartel-general de combate pelo melhoramento da especie.

Ainda pouco tempo antes de desaparecer, intrepidamente se poz

à frente da philantropica iniciativa da formação do Instituto do Radium, não poupando esforços para vencer a indiferença dos leigos. dando tudo quanto lhe era possível dar e que era muita intelligencia, saber, trabalho, recursos materiaes, e o seu immenso prestigio.

Da Escola de Medicina, basta lembrar que foi o organisador; e os resultados se observam soberbos, sendo que em tão poucos annos de existencia este instituto se impoz não só ao respeito das instituições congeneres, como ainda á gratidão do povo. E para que isso se desse, necessario se tornava que a novel escola fosse moldada em alicerces de san moral e de ensino consciencioso; nessas condições, quem estava indicado para organisador da Faculdade, que em si reunisse autoridade, saber, character?

Arnaldo Vieira de Carvalho foi um verdadeiro amigo de seus alumnos; a elles deu sempre a força do seu apoio, incitando-os pelo exemplo ao cumprimento dos deveres, á pratica do bem, ao desapêgo da vida em pról da de seus semelhantes.

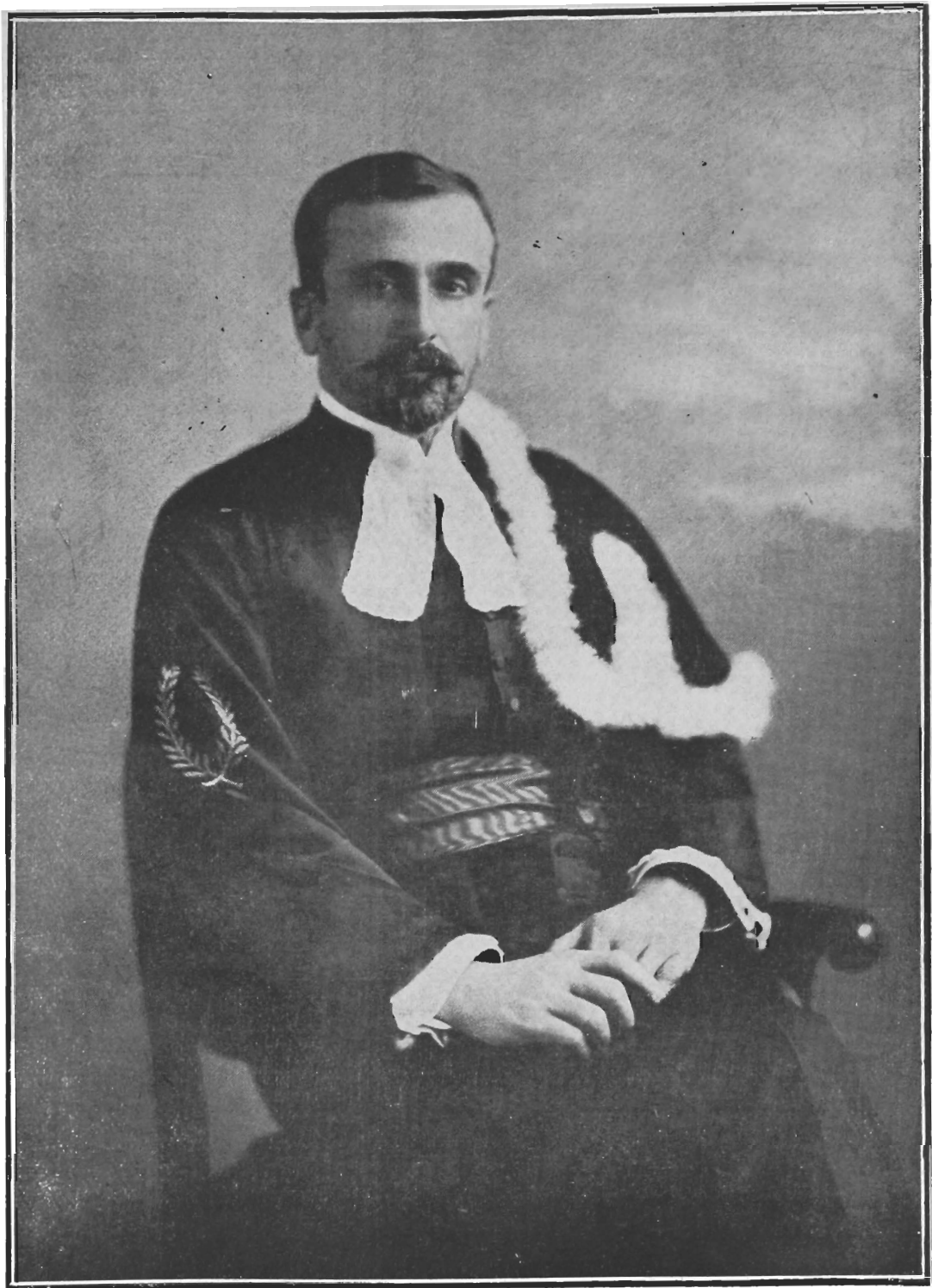
Quando em 1918 a grippe nos bateu á porta, elle foi dos primeiros a se movimentar em favor dos desprotegidos, organisando e dirigindo hospitaes, encorajando os alumnos da Escola no cumprimento da divina missão de mitigar a dôr alheia. — A Morte? Mas que importa morrer, si com isso temos o nosso dever cumprido? E foi assim que aquelle punhado de moços partiu quasi alegre para a luta contra o mal, que tomara proporções espantosas. Uns, não mais retornaram do combate; outros, se debateram por muito tempo, presos da molestia triumphando afinal; todos, cumpriram sua obrigação.

Mais tarde, quando o Centro Academico Oswaldo Cruz e o Gremio dos Internos dos Hospitaes levantaram a nobre campanha de saneamento da Sociedade fundando a Liga de Combate á Syphilis, encontraram em Arnaldo Vieira de Carvalho um amigo dedicado, não regateando seus applausos e seu apoio á generosa iniciativa desses jovens que tão cedo pujantes provas davam de seu amor á humanidade e da sua sympathia pelos desamparados.

A morte o levou quando ainda innumerous serviços poderia prestar a seus semelhantes, que tanto amou. Não pode entretanto levar da memoria de cada um de nós aquelles traços ao mesmo tempo severos e doces, nem tão pouco apagar do nosso espirito as licções muito proveitosas que sempre deu, de bondade, saber e inteireza moral. Elle será sempre lembrado, e embora materialmente desaparecido, Arnaldo Vieira de Carvalho será ainda o guia de quantos queiram exercer a medicina com a hombridade e respeito que merece o soffrimento alheio.

J. C. A.





Attendei e meditae na vida e obra do Pae d'esta Faculdade.
Modele-se a vossa vida pela delle e os homens cobrirão de bençams
o vosso nome.

ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO

UM DETALHE BIOGRAPHICO

Conheci Arnaldo Vieira de Carvalho na Santa Casa. Acabava elle de cursar o 5.^o anno e entrava para o 6.^o A sua figura sympathica, o olhar intelligente, mas, sobretudo, a sensatez das perguntas que me dirigia para ter a explicação de certos detalhes da technica operatoria, revelaram-me, desde logo, que se achava deante de mim um individuo dotado de genio cirurgico, que era preciso aproveitar com especial empenho. Terminado o seu curso no fim do anno e, de volta, já medico, na Santa Casa, comecei de facto a executar com o mais vivo interesse a obra de completo polimento do grande diamante, que já brilhava por si só através da fina casca que trazia. Fil-o immediatamente meu auxiliar em todas as intervenções cirurgicas e, cada vez mais confiante, entregava-lhe frequentemente o bisturi para enrijecel-o na pratica das operações sangrentas e habilital-lo ao jogo das scenas e emoções do officio. Era n'esse tempo meu immediato na Sta. Casa o Dr. Carlos Botelho. Este meu velho e bom amigo interessava-se egualmente de coração pela sorte prospera de Arnaldo e não praticava operação alguma importante sem convidar para assistil-a ao nosso discípulo commum.

Era então grande o prestigio do nome de Carlos Botelho e esse prestigio depressa estendeu-se e envolveu em uma aureola luminosa a figura attrahente de Arnaldo Vieira. E era intenso e justo o enthusiasmo que reinava n'aquella epoca no mundo medico: achavamo-nos na aurora da epoca antiseptica e contavamos como certa a conquista do grande e bello mundo novo, que Pasteur levantava á nossa frente. Era deveras grandioso e consolador o prospecto traçado á cirurgia moderna. Nós, os mais velhos, que haviamos conhecido todas as miserias dos tempos da purulencia nos hospitaes, batiamos quentes palmas de alegria ao saudar os felizes moços, que iam agora percorrer em festa a estrada outrora só eivada de espinhos. Não viamos deante de nós

senão montes de flores e, para nós, a figura radiante de Arnaldo era o symbolo o mais expressivo de um triumphante na primavera da vida. Nós o queríamos, nós o affagávamos, nós o mantinhamos envolvido em uma atmosphera de enthusiasmo e furor cirurgico, cada dia mais aguçado pela sede de saber.

Sim, era um verdadeiro e santo furor cirurgico essa ancia de escancarar todas as trevas, esse empenho intenso em remover para sempre do nosso campo operatorio todas as possibilidades de uma infecção das feridas. A só idea da nossa completa emancipação no mundo das bacterias toldava-nos o espirito. Acreditavamos piamente que fazíamos obra meritoria, cada vez que o successo operatorio correspondia plenamente aos nossos planos preconcebidos sem pôr em risco a vida dos pacientes, embora não respeitando funcções physiologicas normaes.

N'aquella epoca não conheciamos de todo o grande capitulo das glandulas sem canal excretor; ignoravamos totalmente o papel physiologico das secreções endocrinas.

Como todos os grandes cirurgiões contemporaneos, Arnaldo, em plena mocidade, havia já practicado cerca de 4 mil laparatomias, extirpando ora o utero, ora as trompas, ora os ovarios. Foi uma epoca de delirio, foi uma epopea de sangue!

Felizmente, alguns casos typicos, mostrando os resultados desastrosos em consequencia da extirpação dos ovarios, serviram para abrir a Arnaldo os olhos, mais cedo do que a muitos cirurgiões de nomeada, e o conduziram gradualmente a empunhar o estandarte da cirurgia conservatoria em todo o dominio da gynecologia.

Em seus ultimos annos, Arnaldo era um ponderado e convicto conservador.

Não esqueçamos, porém, que foi graças ao furor cirurgico que a sutura separada do peritoneo foi praticada por Arnaldo Vieira, aqui em S. Paulo, na nossa Santa Casa, muito antes de Berlim, Londres ou Paris; e, do mesmo modo, a extirpação total do estomago, a quinta operação d'esta ordem que se praticava no mundo, pode ser por elle executada no mesmo lugar. E, a proposito, não deixa de interessar o seguinte detalhe.

Estavamos com uma doente na Santa Casa preparada para uma ovariectomia e dia marcado para a operação, quando recebi do professor Thirifahy, de Bruxellas, meu antigo preceptor, uma carta chamando a minha attenção para um artigo sobre a **Sutura separada do peritoneo**, que elle pretendia publicar na **Presse Médicale Belge**. N'essa carta o meu grande mestre queixava-se amargamente do tacanho espirito de hostilidade, que reinava ainda entre os processos da cirurgia contra qualquer tentativa de innovação nos detalhes da technica adoptada como classica. Foi em vão que Thirifahy tentou obter de distinctos cirurgiões que abandonassem a mal alinhavada sutura de Spencer Wells;

a rotina tinha muita força e prevalecia por toda a parte. Mostrei sem demora a carta a Arnaldo e a ambos nos pareceu a resumida descrição ser um genial golpe de technica. Resolvemos immediatamente adoptar a innovação e, de facto, no dia seguinte, punhamos em execução a luminosa technica theoreticamente concebida.

Os cirurgiões de hoje não podem mais comprehender que um tempo houvesse, em que a sutura separada do peritoneo não fosse praticada. Muito menos podem os estudantes de hoje conceber que tempo houvesse, em que o tratamento classico nas ovariectomias consistia em deixar para fóra do ventre o pedículo e ahi mante-lo fixo por meio de um desageitado clamp. E' muito lento o nosso espirito ao caminhar na senda do progresso. Somos forçosamente rotineiros, cada vez que nos achamos deante do desconhecido. Foi com violenta repulsa que os cirurgiões receberam a proposta de Baker Brown para introduzir dentro da cavidade peritoneal um ferro em braza e cauterisar todas as superficies cruentadas. Quanto tempo não foi preciso para os cirurgiões adoptarem o emprego das pinças de Pean e, sobretudo, para comprehenderem toda a belleza de uma hysterotomia praticada com tres d'essas pinças apenas de cada lado?! E não foi sem resmungar que os cirurgiões acabaram por toda a parte pondo em pratica a elegante praxe da peritonisação em todas as soluções de continuidade dentro da bacia pelviana.

Arnaldo não precisou ir á Europa para fazer-se cirurgião **primus inter pares**; conhecendo regularmente as linguas franceza, ingleza, allema e italiana, timbrava elle em estar sempre ao corrente das ultimas acquisições scientificas em qualquer d'esses idiomas. A literatura chirurgica ingleza e norte-americana, especialmente na esphera da gynecologia, tinha inquestionavelmente as suas preferencias; os soberbos livros classicos de Kelly e de Monhyam compunham o seu breviario de todos os dias e do seu manuseamento continuo resaltava esse singular brilho, que durante tantos annos punha em destaque o centro clinico organizado na Santa Casa de S. Paulo.

A grande nomeada adquirida na Santa Casa não podia deixar de produzir o seu natural effeito; d'entro em breve não lhe era mais possivel satisfazer aos reclamos de toda a sua clientela. Arnaldo vivia sobrecarregado de trabalho e não media as suas forças para dar conta da tarefa.

Não obstante, era tal a sua sêde de erudição que não lhe faltavam meios de descobrir alguns quartos d'hora para se occupar de outros assumptos bem diversos dos da sua pratica diaria.

Mui particularmente aguçava a sua curiosidade a sorte da nossa pecuaria e, sob o pseudonymo de Epicarnus, grande foi o numero de artigos que publicou no "Estado de S. Paulo"

A principio, esses artigos foram todos dirigidos contra mim. Por uma aberração inexplicavel, Arnaldo fazia-se o brilhante paladino da velha escola de Buffon. Apoiado na zootechnia dos nossos dias eu sustentava imperterrito as ideas modernas da escola de Darwin e Nandin e preconisava o methodo da selecção para salvaguardar e nobilitar as nossas maravilhosas raças bovinas nacionaes. Foi deveras notavel a cegueira de Arnaldo pondo o seu talento ao serviço de velhas doutrinas, hoje, por toda a parte condemnadas.

Foi em vão que appellei para os interesess da nossa hygiene social, para os tremendos perigos da tuberculose bovina introduzindo-se em nosso seio por meio do gado importado de fóra; foi em vão que assignalei o facto sensacional de se acharem as 22 vaccas da rainha Victoria tuberculosas todas. Arnaldo manteve-se irreductivel durante alguns annos.

Foi só depois da nossa segunda Exposição de gado na Moóca que Arnaldo abriu os olhos e viu em toda a sua extensão a infinita belleza da nossa raça Caracú, ao mesmo tempo que a sua extraordinaria rusticidade, garantia suprema de uma saude exemplar. Foi tal a impressão que lhe causou o surprehendente espectaculo, que Arnaldo passou de um jacto de grande incredulo a entusiasta neophyto do novo culto.

Foi verdadeiramente bella e encantadora a hombridade com que, pelas columnas do mesmo "Estado de S. Paulo" veio elle, cantando a palinodia, confessar que até aquella data se havia achado em conspicuo erro crasso e que quem tinha toda a razão era eu, o seu antigo mestre.

Desde esse dia, Arnaldo tornou-se o mais extremo defensor das nossas raças bovinas nacionaes e foi com mão de mestre que traçou os mais substanciosos e elegantes artigos a favor da pecuaria brasileira. Não podia jamais ser esquecida a nobre candura com que se retractou publicamente de suas antigas opiniões e é só com as mais infindas saudades que a nossa Sociedade do **Herd Book Caracú** póde olhar para o claro por elle deixado em suas fileiras em S. Paulo.

DR. L. P. BARRETTO

ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO

Um artigo sobre a sensibilidade affectiva de Arnaldo Vieira de Carvalho, traduzida pela amizade que distribuia aos que d'elle se approximavam na vida, devia ser escripto com as abundantes lagrimas, que irresistivelmente brotavam dos olhos dos seus amigos no momento de sua morte.

Pedem-me que d'elle escreva sob esse aspecto, por ter sido o seu amigo inseparavel de 43 annos; desde a mais tenra infancia ligado a elle por um affecto nunca enfraquecido, e parece-me um dever dictado por essa mesma amizade, acceitar o encargo, podendo d'elle fallar livremente, hoje que não mais existe, sem provocar a censura, que a sua modestia levantaria, se vivo fosse.

Nem será sacrilegio revelar intimidades, quando ellas servem para mostrar quão justo foi o enorme e pouco vulgar sentimento de profunda dôr que dominou toda a população da cidade ao ter conhecimento da sua morte prematura e inesperada.

Essa mesma morte foi talvez consequencia do cumprimento de um dever de amizade.

Ha cerca de dez annos, fazendo uma operação na Santa Casa de Misericordia, foi victima de gravissima infecção que se prolongou por muito tempo.

E' certo que não houve medico em S. Paulo que se não interessasse pela sua saude, mas dentre todos se destacou pela sua dedicação, carinho, e abnegação, o Dr. Mathias Valladão, seu assistente.

Dessa vez e nessa lucha contra a molestia foi vencedora a medicina; e a amizade que unia este grande e notavel clinico brasileiro ao nosso pranteado amigo cimentou-se ainda mais pela gratidão profunda que elle lhe dedicava.

Os tempos passaram, e a molestia grave e inexoravel invadio o organismo do Dr. Mathias Valladão; os papeis se inverteram, e o doente de antes passou a ser o medico de agora, excedendo-se em

cuidados e esforços, em assiduidade e carinho, em applicações medicas e consolo.

Coincidio esse momento com o facto de necessitar Arnaldo Vieira de Carvalho de um repouso prolongado, exigido pelo depauperamento physico produzido pelo seu excessivo trabalho, e pelo rude golpe que soffrera com a desastrosa morte de seu filho Arnaldo Vieira de Carvalho Filho.

Procurando no trabalho lenitivo para a sua dôr, e por isso mesmo se excedendo a si proprio, exgottava as suas forças; e a sua familia e os seus amigos insistiam para que fizesse uma viagem de recreio e repouso.

Poucos dias antes da sua morte, impressionado pelo seu **facies** de abatimento, aproveitei-me de um dos momentos de fraternal intimidade, que entre nós eram tão frequentes, para insistir pela necessidade de cuidar de si, e sahir para uma estação de ares.

Longamente fallei-lhe a respeito; disse-lhe que elle não podia desprezar o seu dever de conservação de saude, até para com a familia; e elle ouviu-me pacientemente. Ao terminar, fez-me elle uma interrogação, para a qual não tive resposta, e disse-me as seguintes palavras: “E você quer que eu abandone o Valladão?”

Calei-me e admirei a sua dedicação, da qual me tinha dado provas já bastante eloquentes durante a nossa incessante convivencia.

A sua consciencia nunca lhe perdoaria, o que elle chamava um abandono, embora soubesse que a sua assistencia ao amigo, em nada podia alterar a marcha da molestia inexoravel, que, dia por dia, mais o approximava do tumulo.

Elle cumpria um dever de gratidão, e ninguem foi mais rigoroso do que elle, sempre que se tratava do cumprimento de um dever.

O valor do exemplo deixado está em parte na inutilidade dessa prova de dedicação, pois nada podia contra aquella molestia, e é muito provavel que uma mudança de clima e algum repouso physico tivessem evitado o mal que o matou.

Não seria necessario dizer mais para estampar a figura de Arnaldo Vieira de Carvalho como amigo dos seus amigos.

Entretanto, quantos e quantos factos da sua vida poderiam ser apontados, revelando todos a intensidade do affecto com que retribuia a amizade que lhe dedicavam os que com elle tinham a ventura de privar.

De natureza pouco expansiva, a sua amizade não se traduzia por manifestações barulhentas ou affectadas; mas nunca falhava na hora ou no momento, em que se tornava opportuna, traduzida por gestos de uma sinceridade verdadeira.

Ao lado do seu esquife choravam amigos do primeiro collegio que frequentou em S. Paulo, sobreviventes do pequeno grupo, que

então formavamos, e que dispersos em direcções muito divergentes, alli se reuniam naquella hora suprema, e a elle deviam o affecto, que nunca se apagou do seu coração.

Era notavel o modo pelo qual se impunha ás sympathias que o rodeavam; extremamente reservado no primeiro encontro, procurava estudar a pessoa com quem tratava, mas, dotado de uma rara perspicacia, não tardava em formar um juizo seguro sobre o valor dos homens, e dessa segurança de julgamento nascia a sua amizade, que era desde logo a mais sincera e a mais desinteressada que se póde imaginar.

De notavel professor da Faculdade de Medicina ouvi, que ao vel-o pela primeira vez, se arreceiou da apparente frieza com que se vio tratado; mas que, dentro em pouco, tal foi o carinho com que se vio tratado, taes as attensões que delle recebeu, que se tornou um dos seus melhores amigos.

A sua amizade revelava-se então nos momentos opportunos, e sempre que podia ser util aos seus amigos, ninguem o excedia em dedicação.

Amigo da sua familia, elle o era em extremo, e a sua vida foi sempre um exemplo como filho, irmão, esposo e pae; quer nos momentos de felicidade, quer nos de soffrimento. Cultivava com a maior veneração a memoria de seus paes; adorava as suas irmãs, e á sua esposa e filhos consagrava todos os seus pensamentos tendo constituido um lar, onde por trinta annos reinou sempre a felicidade, a harmonia e o amor.

Era um grande amigo dos seus alumnos, conciliando essa amizade com a rispidez na exigencia do cumprimento dos deveres escolares, e principalmente dos deveres civicos.

Interessava-se vivamente pelo seu adeantamento, procurava encaminhar e aproveitar os que revelavam inclinações para certas especialidades, e favoreceu os menos protegidos da fortuna.

Os seus collegas de classe encontravam nelle um amigo, para o qual a formula "todos por um e um por todos" era uma realidade, e por isso elle se tornou o eixo da classe medica de S. Paulo, da qual era um dos mais antigos membros.

As manifestações promovidas pela classe, por occasião da sua morte, revelam o prestigio de que gosava, e esse prestigio repousava justamente na amizade que os medicos de S. Paulo lhe tributavam, e que outra cousa não era senão o reflexo dessa mesma amizade, que elle, por sua vez, lhes dispensava.

Era isso natural, em quem considerava "a sociedade como uma machina de reacções impulsionada pelo egoismo, reagindo ao bem com o bem, e retribuindo com beneficios só a beneficios que a impressionarem"

A reciprocidade de dedicações e de auxilio não passava, para elle, de um phenomeno biologico.

Sempre concorreu para elevar o prestigio da classe medica, e mais de uma vez contribuiu para evitar dissensões e luctas, pois mesmo sem a sua intervenção directa, os collegas cuidavam de poupar-lhe dissabores, levados pelo carinho com que o tratavam.

Onde, porém, se expandia sem peias, toda a sensibilidade do seu grande coração era em face dos seus doentes, que lhe mereciam carinho paternal. Para cada um tinha uma palavra bondosa de animação, e a sua presença inspirava tanta confiança, que era metade do caminho para a cura.

Para elle a pobreza era o melhor titulo de recommendação, e se fazia pagar pelos ricos os seus trabalhos, era para poder soccorrer um maior numero de pobres.

Foi sempe um eterno revoltado contra as desigualdades da fortuna, e a primeira excitação febril da molestia que o prostrou, inspirava-lhe um formidavel libello contra as grandes fortunas feitas á custa dos miseraveis, e dizia na intimidade á sua amantissima esposa, quando ella velava á sua cabeceira, que novos e magnificos argumentos lhe accudiam ao espirito, sobre essa questão social.

Quem se deixara dominar por essas idéas, que externava com a maior independencia, não podia senão consagrar os seus carinhos aos miseraveis, que soffriam.

Revoltava-se contra a pobreza e dizia então: “A successão nas enxergas das enfermarias de esposas e filhas a quem a sorte trahiu, de ricos e poderosos fulminados pela desgraça é lição eloquente, impressionante e suggestiva de idéas dolorosas”

Frequentemente distribuia pelos seus doentes, ao lado de sua sciencia, meios materiaes de sustento, sendo a sua maior difficuldade fazel-o sem ferir susceptibilidades.

De uma vez, chamado para tratar de um chefe de numerosa familia, impressionou-se com os symptomas de miseria, que observou na casa. A pretexto de melhor arranjar os travesseiros do doente, e dar-lhe uma posição mais commoda na cama, deixou em baixo do travesseiro do mesmo valiosa dadiva.

E factos dessa ordem se succediam durante sua vida, e no dia de sua morte, vimos accorrer á sua casa desconhecidos e pobres, que vinham de longe para contemplar pela ultima vez o rosto inanimado do seu bemfeitor, commovendo, com as suas lagrimas sinceras, aos que tinham a felicidade, unica naquelle momento, de contemplar semelhante espectaculo.

Frequentemente, pobres, desses que chamamos **envergonhados**, confiantes no seu bisturi, delle se acercavam, timidos e receiosos.

porque tinham de confessar, que não podiam pagar os seus serviços; e nunca elle deixou que se completasse a confissão penosa, passando logo a designar o dia da operação.

Dentre as instituições a que dedicou a sua preciosa amizade, nenhuma outra della tanta aproveitou e se honrou como a Santa Casa de Misericordia de S. Paulo.

Com ella de tal fórma se identificou, que o Hospital Central, ha muito, fazia parte integrante da sua existencia.

Durante 32 annos prestou-lhe os mais assignalados serviços; foi o seu chefe de clinica exemplar e energico; soube formar um brilhante corpo medico para esse estabelecimento; e fez do Hospital Central um modelo, que honra a nossa terra.

Alli elle, largamente, diariamente, desinteressadamente praticava o bem pelo bem, sem distincções de classe, de côr ou de fortuna.

Alli quasi perdeu a vida uma vez, e a alegria de viver só lhe voltou, quando poudo reencetar a sua faina de piedade e caridade.

Dalli sahiu para o tumulo !

A vida de Arnaldo Vieira de Carvalho póde ser resumida na seguinte phrase: Amou o bem e combateu o mal.

F. VERGUEIRO STEIDEL.

PER IL DR. ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO

Non è certo facile cosa tessere ancora una volta un elogio nuovo dell'Uomo veramente illustre, cui vuol essere dedicato dalla memore gratitudine ed ammirazione degli alunni il presente numero della "**Revista**". Ed è poi impossibile dire di Lui in forma più eletta o più sentita di quanto ne abbiano detto Colleghi eminenti, Alunni devoti e quanti, di tutte le classi e di tutte le provenienze lo ammirarono vivo, lo piansero estinto nel giorno dell'estremo saluto alla sua spoglia mortale, nelle angosciate commemorazioni immediate, oppure nel triste annovale della sua dipartita. D'altra parte non vi può essere espressione né più eloquente né più umana di unanime dolorante rimpianto di quella del popolo dell'intera città prono con l'animo commosso a far ala al Nostro nell'ultimo tristissimo suo viaggio.

Di **Arnaldo Vieira de Carvalho** chirurgo principe, direttore sanitario della "Santa Casa de Misericordia", organizzatore e direttore della Facoltà di Medicina, della sua schietta nobiltà in tutte le multiforme manifestazioni del suo spirito perspicace e del suo grande cuore, si è detto già molto: ma non si dirà mai abbastanza, che possa tradurre quantitativamente il debito della collettività verso di Lui per l'opera sua.

Fu uomo di azione, perché uomo di sentimento: le due caratteristiche, molto spesso antitetiche in altre persone, si compenetravano in Lui perfettamente, stabilendo un nesso causale di equilibrio completo fra l'opera e la direttiva mentale della stessa. Conseguentemente prodigò tutto se stesso e sempre, con tenacia cosciente e con entusiasmo ammirando, alle cariche cui veniva chiamato. Per il suo **vigor vitae** eccezionale fu nazionalista nel senso più alto e più nobile, perché il più finemente, il più intimamente umano.

Sulla sua faccia, aperta e nobile ad un tempo, ed ai suoi occhi vivacissimi affioravano irresistibilmente i moti interni dell'animo: erano superflue le alchimie psicologiche per leggervi limpido il suo modo di pensare.

Spirito eminentemente eclettico in fatto di coltura medica e di coltura generale, si interessava e poteva giudicare con scienza e coscienza di argomenti disparatissimi dello scibile; dei più moderni problemi della biologia generale, come delle più recenti direttive della chirurgia, di una questione d'arte o dei problemi sociali, immanenti qui come altrove.

Arnaldo Vieira de Carvalho fu indubbiamente una tempra di eccezione, una personalità rara, con un complesso di caratteri ammirandi tutti suoi: di tipi così completi non vi ha certo dovizia in qualsiasi paese.

Rispondendo all'invito cortese rivoltomi dagli alunni, io non posso che unirmi fervorosamente al tributo di compianto e di venerazione alla sua buona e cara ed eletta memoria. Troncata bruscamente la consuetudine della sua visita quotidiana, durante quasi sette anni, ai nostri lavori, ci pare alle volte di riudire ancora il rumore del suo passo o la sua parola arguta o sentire carezzevole l'afflato della sua simpatia affettuosa.

Di **Arnaldo Vieira de Carvalho** ho presente non solo tutta la sagace intelligenza e l'impareggiabile operosità e tutte le molteplici doti di organizzatore e di studioso: ricordo nello stesso tempo tutto il bene che dalla sua opera di clinico e di Direttore della "Santa Casa" é venuto ad una infinitá di dolenti miei connazionali, cui la sorte non fu troppo prodiga di favori. Ricordo con infinita gratitudine la cosa in se; con la piú intensa commozione ricordo i moventi ideali, che informavano, anche in questa direzione, la sua attività, ed il modo con cui sapeva estrinsecare la sua bontá.

E sará sempre fra le memorie piú care e piú profondamente scolpite nell'animo mio e di molti miei connazionali la conoscenza della parte viva e vibrante presa, ufficialmente e non una volta sola, dall'Illustre estinto alle alterne vicende del mio paese durante il periodo, tragico per il mondo intiero, appena testé chiuso.

Il rito che i giovani di questa Facoltá compiono onorando **Arnaldo Vieira de Carvalho**, non deve e non vuole essere solo un atto di riconoscenza e venerazione doverose: il loro omaggio alla sua memoria deve avere il valore di una sicura promessa fatta a se stessi ed al loro paese, quella di dare alla collettività tutta la loro opera, tutto il loro fervore, come il diede, sempre e con tutte le energie della mente e del corpo, **Arnaldo Vieira de Carvalho**.

Giugno, 1921.

DR. ALFONSO BOVERO

DR. ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO

(da lição inaugural de Clinica Gynecologica)

do Prof. Dr. Nicolau de Moraes Barros

Ha cerca de 20 annos, transpunha eu pela primeira vez as portas da Santa Casa e percorria as suas arcadas a passos curiosos e incertos. Insensivelmente e como que obdecendo, sem me aperceber, a forças obscuras e irresistiveis eu ia ter á primeira enfermaria de cirurgia — mulheres—e alli defrontava um attrahente e singular personagem. Nobre no porte, algo brusco nos gestos, insinuante nas maneiras, tinha um olhar de rara agudeza, o riso franco, metallico e communicativo. O Dr. Vieira de Carvalho, de quem se tratava e que então conheci, era o chefe da enfermaria e o director clinico do hospital. Acolheu-me com a affabilidade e singeleza que lhe eram costumeiras, franqueou-me os seus serviços e conduziu-me em seguida á sala de operações onde momentos depois praticou **uma delicada intervenção de cirurgia abdominal** com pericia pouco vulgar e como eu não vira maior nem mais acabada por nenhum dos consumados veteranos da cirurgia europeá. Guardo, desse primeiro encontro, impressão que nunca se me apagou.

Já d'elle então se dizia que era um forte, um espirito talhado para a organização e para o commando, homem de iniciativas e de realisações, scientista de largos recursos, cirurgião eximio. E não peccava tal juizo por excesso ou benevolencia; na sua pessoa se reuniam, de facto, em conjuncto harmonico e bem equilibrado, todos esses talentos e virtudes que, apurados no cadinho do tempo e com uma experiencia progressivamente maior das coisas e dos homens, trahem o segredo do seu successo e explicam o fulgor pouco commum da trajectoria por elle percorrida.

Nos delineamentos do seu perfil destacam-se traços de relevo pouco vulgar. A sua exalçada aptidão para organizar e dirigir, melhorando e progredindo, era uma das feições mais empolgantes da sua personalidade. Que o diga em linguagem mais suggestiva do que a minha, na muda eloquencia de suas severas linhas architeticas, esse monumento de bondade e altruismo que é o Hospital Central da Santa Casa.

Vai para trinta annos que ahi começou a se fazer sentir a acção benéfica de Vieira de Carvalho. Indagai, senhores, do que era a Santa Casa por esse tempo, com as suas enfermarias, consoante as idéas em curso, mal installadas e mal providas, com os seus arremedos de salas cirurgicas antiquadas na construcção, pobres no material, divorciados dos sãos principios, com as suas restantes dependencias insufficientes ou inadequadas, em que os preceitos scientificos esbarravam a cada passo com tropeços de toda a ordem, onde só era possivel uma caridade manca e dominavam soberanos o atrazo e a rotina. Confrontai-a com

as installações de hoje, cuja sumptuosidade mede parêlhas com a rigorosa applicação dos mais modernos ensinamentos, em que o conforto se casa com a esthetica, com as suas magnificas salas de operações satisfazendo ás menores exigencias, com os seus amplos laboratorios preenchendo cabalmente seus utilissimos fins e não conseguireis dissimular a vossa admiração pela metamorphose realizada, o vosso respeito e o vosso entusiasmo pela mão forte, pela energia mascula que presidiu a essa transformação. Se nas enfermarias ainda é objectavel o accumulo de doentes em manifesta desproporção com a cubagem das salas, si é gritante o contraste da sua superlotação com as exigencias da moderna hygiene hospitalar, si é condemnavel a promiscuidade em que se mantêm operados limpos, asepticos e casos suppurados, é porque, nestes detalhes, a acção de Vieira de Carvalho soffreu o entrave de circumstancias irremoviveis que zombaram do seu esforço, porisso que o mal apresentava raizes inacessiveis á mais violenta therapeutica. Sabe Deus quando será possivel extirpal-as! Nem porisso constitue menos essa casa um attestado imperecivel da operosidade tenaz, da actuação bem orientada e do espirito progressista do seu pranteado director.

E' de hontem a sua ausencia! Sob aquellas arcadas ainda se ouvem os seus passos, ainda resôa a sua voz, ainda se obedece ao seu commando. Por todos os recantos paira a sua sombra relembrando os seus feitos, estimulando ao trabalho, despertando zelo pela sua obra. Que não pereça em novas mãos, a preciosa herança. Si não nos fôr dado engrandecel-a, saibamos, ao menos, preserval-a.

O director clinico da Santa Casa tinha de ser o organisador da Faculdade de Medicina. Si assim o aconselhavam o bom senso e a clarividencia administrativos, assim tambem o exigia a logica dos factos, o appello premente das circumstancias. Foi no seio da Santa Casa que germinou, cresceu e amadureceu a idéa da fundação da Faculdade, foi a existencia daquella com os seus amplos recursos, com o seu ambiente scientifico e a sua abundante seiva vivificante que tornou viavel o advento desta. Sem uma, não se cogitaria de outra. Era, pois, de se prever sem medo de incidir em erro, que a Santa Casa se desvelasse pela Faculdade com os mesmos anceios e carinhos com que a mãe extremosa se desvela pela sua criatura que é o fructo de suas entranhas e o sangue do seu sangue, que lhe amparasse o crescimento e a expansão com a mesma solicitude com que lhe amparou os primeiros passos, que lhe prestasse mão forte e decidida para **vel-a progredir, brilhar e cobrir-se de louros** que seriam tambem seus, que a encheriam de justo orgulho, que avultariam a sua benemerencia. Eis, Srs., a primeira credencial que impunha com a força dos factos inevitaveis, que a Vieira de Carvalho fosse commettida a ingente tarefa.

De resto quem, por sua situação profissional e social, por seu prestigio, pelo conhecimento dos homens e do meio, pela ascendencia exercida sobre a sua classe empunharia com mais autoridade o bastão de chefe e proveria com mais efficiencia ás necessidades do ensino medico?

Quem, com armadura comparavel á sua para afrontar difficuldades, vencer resistencias, desviar tropeços, conter descontentamentos, sopitar desillusões, supportar, emfim, as mil contrariedades inherentes á afanosa empreitada que lhe atiraram aos hombros?

Ainda novel, em periodo de crescimento, que apenas se abeira da adolescencia, mal accommodada em installações provisórias e improprias, dispersas por varios predios de aluguel, vetustos uns, em ruinas

cutros, inadaptaveis quasi todos, a nossa Faculdade já conseguiu, entretanto, em menos de dous lustros, impôr-se ao apreço e ao respeito da opinião como uma officina de trabalho honesto e esforçado, como um centro de estudos sérios onde se ministra ensino util e pratico, como uma retorta fecunda onde se elaboram bons medicos e bons cidadãos. A despeito dos seus andrajos, consoante ás premuras de uma situação financeira desfavoravel, que — praza aos céos não se eternize — contrafeita embora, sem liberdade para se mover e se expandir, já usufrue esta Escola de alentadoras sympathias, já logrou fama que ecôa para muito além de nossas fronteiras, já o publico della se occupa com os enlevos e caricias com que se amima um filho dilecto, em cujas manifestações precoces de intelligencia e de character se depositam as melhores esperanças.

Se quizerdes uma demonstração a mais, pequenina, mas significativa, da popularidade e do alto apreço de que goza esta Faculdade, ahí tendes o recente concurso de gynecologia, realizado sob o olhar curioso e interessado de todo o mundo leigo, cujas phases e pcripecias empolgaram litteralmente a opinião, trazendo-a durante longos dias suspenza e offegante, a commentar provas, discutir diagnosticos, confrontar technicas, aferir preparo e prevêr julgamentos.

E' certo que estava em jogo a substituição de um mestre querido e illustre, que se cuidava de preencher um grande claro aberto nas fileiras do magisterio por um golpe inesperado do destino, que, por isso, honra excepcional resultaria a quem lograsse conquistar a successão e isso explica em parte o alvoroço do publico; mas não é menos certo que esse alvoroçado interesse tambem documenta o elevado conceito em que se tem esta casa de ensino, o justo prestigio de que goza o seu corpo de professores, a confiança que inspiram os seus julgados.

Por situação tão solida e tão promissora cabe a Vieira de Carvalho, de justiça e de direito, o merito e a responsabilidade. Foi elle quem amanhou e semeou a terra, quem se desdobrou em amor e cuidados para que o fragil broto vicejasse ao abrigo da intemperie e a sua tenra folhagem não crestasse ao sol e ao vento, quem se consumio em vigílias exhaustivas para que o arbusto se fizesse arvore, tomasse corpo e adensasse a fronde.

Hoje, que a planta se ostenta em plena exuberancia de viço e robustez, que a galharia se dispersa e se entrelaça e já faz sombra, que se annunciam as primicias dos fructos, não regateemos o nosso applauso ao esforçado cultivador, rendamos-lhe em palmas de admiração e reconhecimento a homenagem de que se fez credor.

Como cirurgião, Vieira de Carvalho realizou este milagre — facto inédito na historia da cirurgia nacional — fez-se á custa propria, dentro dos acanhados recursos do seu meio, sem arredar pé do seu paiz. Até então não havia nesta terra exemplo de uma nomeada cirurgica acima do vulgar, em quem, durante prolongado estagio, não se tivesse abeberado das lições e dos ensinamentos praticos junto aos grandes mestres do Velho Mundo, não se concebia solida reputação technica sem a credencial de pelo menos uma viagem ao estrangeiro. Foi elle o primeiro que discrepou dessa regra, desfez o presupposto e provou a inanidade do conceito.

Abrindo em S. Paulo a sua tenda de trabalho, aqui meditou sobre as doenças que affligem a humanidade, aqui se dedicou a cural-as ou allivial-as, cultivou o seu espirito, adquirio experiencia, adextrou as mãos. E com tal arte se conduzio e com tal successo, que se fez *primus*

inter pares, que cercou o seu nome de aureola refulgente, que o chamaram amiúde em escriptos e discursos, o principe dos cirurgiões!

Era um gosto vel-o operar. Gozava-se do mais puro prazer scientifico — intellectual assistindo a uma de suas laparotomias diariamente praticadas na Santa Casa e a que affluíam collegas de toda a parte. Operando, Vieira de Carvalho era a um tempo elegante e meticoloso, ousado e expedito, calmo e seguro. Da incisão inicial á applicação do ultimo ponto obedecia á mesma technica uniforme e impeccavel, agia com inalteravel firmeza e decisão, mantinha igual sobriedade nos gestos e attitudes. Nas situações mais criticas, a braços com accidentes inesperados e, por vezes embaraçosos, não se enleava nem perdia o prumo, não se lhe perturbava o dominio sobre si e o bom humor. Si acontecia afrouxar uma ligadura ou escapar uma pinça e o sangue, jorrando aos borbotões, inundava o campo e affligia a assistencia, era fatal e indefectivel a piada jocosa, o gracejo esfusiante e opportuno com que transmutava a scena, tranquillizando os espiritos e restabelcendo a confiança com a mesma rapidez e maestria com que estancava o sangue e dominava a hemorragia. Concluida a tarefa, por vezes afanosa e extenuante, era de ver-se com que bonhomia e despreoccupação elle alludia aos contratempos, si é que alludia e dispunha-se, sem mais delongas, a nova empreitada que o aguardasse.

Era um trabalhador admiravel. Praticava seguidamente e de um só arranco tres e quatro intervenções de alta cirurgia, com o mesmo *entrain*, na mesma toada, sem que uma palavra ou gesto trahisse a fadiga, que porventura lhe invadira o corpo ou lhe affrouxara as mãos. Cançava-se a assistencia de assistir, não se cançava o operador de operar.

E' que Vieira de Carvalho realizou, durante largo periodo de sua vida, o pensamento de Haward Kelly — *a primeira condição para ser bom cirurgião é ter boa saude*. Só ao homem sadio de corpo e de espirito é dado arcar com o pesado fardo de uma intensa actividade cirurgica, satisfazer ás exigencias permanentes que ella impõe á sua organização physica, attender ás multiplas solicitações com que ella, a cada passo, põe á prova a sua intelligencia, os seus nervos, a sua experiencia, a sua aptidão para julgar e agir.

Cirurgião e operador não são expressões que se equivalham, nem vocabulos que se confundam, porque ser cirurgião é muito mais do que ser operador. Já muito antes de Kelly, o autorizado especialista de Baltimore, insistia o grande Billroth por essa distincção affirmando — *quanto é simples e facil a tarefa do operador é difficil e complexa a do cirurgião*. Com alguma leitura, um pouco de gosto pelo officio e abundante material á disposição, a qualquer é licito fazer-se operador, adquirir dextreza technica, lograr successos retumbantes, impressionar a multidão. Confiado na pericia com que corta, liga e sutura, no rigor com que se desinfecta e pratica a asepsia, o operador tem o prurido irresistivel de operar, a solução cirurgica é a primeira, sinão a unica que lhe ocorre e de que difficilmente se abstem, o bisturi é como que a varinha magica em que se concentra todo seu poder e todas as suas virtudes. Arranque-se-lh'a das mãos e é como si se tivesse cortado os cabellos a Sansão. Elle guarda, dos alfarrabios compulsados ha tempos e de relance, que Lawson Tait introduzio em cirurgia a operação da salpingo-ovarite, que praticou em larga escala e com que se cobrio de glorias e quer, por sua vez, deslumbrar os contemporaneos operando systematicamente quanta salpingo-ovarite lhe vem ás mãos. Porque não tem o habito do estudo meditado e da observação

com os sentidos e com o raciocínio, elle não assimila e não evolue, não sabe distinguir as metrorragias ovarianas das de causa uterina e raspa impiedosamente quanto utero hemorragico se lhe apresente. Não o favoreça o exito e lá vem segunda e terceira raspadela, tão innocuas quanto a primeira e precedidas do aviso, com que aplaina difficuldades futuras, de ser preciso, talvez, recorrer a providencia radical — a hysterectomia salvadora e soberana. Chega a vez desta e a pobre victima perde o seu utero! Praticou-se uma mutilação insensata e criminosa? ferio-se preceito basico de ethica cirurgica? sacrificou-se a mais nobre das funcções organicas? desfez-se a felicidade de um lar? Pouco importa, pois que se curou uma hemorragia rebeldissima, preservou-se uma vida, fez-se jús á gratidão da doente!

Eis, senhores, um typo vulgar dentre os chamados operadores, um exemplar acabado de ignorancia e improbidade, desses que viçam por toda a parte, verdadeiros flagellos sociaes que escapam á sancção das leis e usufruem rendosa clinica.

O cirurgião é um pouco mais e melhor do que isso. Para se revestir de suas insignias fazem-se precisas roupagens de mais fina confecção, armadura mais resistente, credenciaes de indiscutivel nobreza e fidalguia. E' cirurgião quem num estudo aprofundado das molestias perscrutou-lhes a natureza e as causas, aprendeu-lhes as modalidades, a evolução e os perigos, apparelhou-se das melhores armas para lhes dar combate; quem numa intima e diaria convivencia com os doentes e com as doenças, acostumou-se a observal-os de perto, apurou os sentidos, ganhou experiencia em ordem, a enxergar com descortino, a interpretar com logica, decidir com presteza e acerto. E' de cirurgião, em cada caso concreto, coher a anamnese com minucia, examinar com methodo, analysar com reflexão para o effeito de precisar a formula diagnostica num exacto criterio clinico e fundar a indicação therapeutica numa justa e ponderada apreciação das circumstancias. Adoptada a solução operatoria, é ainda de cirurgião inspirar-se nos ensinamentos da experiencia e nas razões scientificas, para julgar da oppertunidade da intervenção, das condições em que cumpre pratical-a, do processo operatorio a ser preferido. E' cirurgião, finalmente, aquelle que num respeito fetichista pela vida que lhe é confiada, esquecido de sua pessoa e norteadado pela preocupação obsedante do 'non nocere', sabe resistir ás seducções de um exito facil e brilhante para se abster de operações que a sua pratica e a sua consciencia lhe dizem contra, indicadas ou adiaveis, para só operar quando e como o exige o mais rigoroso determinismo scientifico.

Feito o cortejo e esboçado o quadro não será preciso indicar-vos a moldura que a elle se ajusta, pois o vosso atilamento e espirito critico já sentenciaram com justiça e sabedoria: Vieira de Carvalho era cirurgião. Não me cabe dizer-vos em que proporção nelle se juntavam entrelaçados e solidarios todos aquelles predicados que formam a essencia do bom cirurgião. E' possivel que na sua formação artistica discrepasse um ou outro detalhe, que sob determinados pontos de vista, se lhe notassem desigualdades e falhas, mas que, em todo o caso, careciam de valor para affectar o inteiriço da peça ou comprometter a harmonia do conjuncto. Nas linhas mais accentuadas do seu perfil se reconheciam sem esforço os traços caracteristicos de uma sadia organização cirurgica.

E no dominio da cirurgia foram as molestias genitales da mulher o campo predilecto da sua actividade, onde se sentia mais a vontade.

Com enthusiasmo que nunca arrefeceu, Vieira de Carvalho, ao mesmo

passo que dava expansão ao seu temperamento e obedecia às tendências do seu espirito, imprimia um cunho todo pessoal, inteiramente seu ao modo de encarar os assumptos, de solucionar as questões, de se conduzir em cada caso. Operando muito, praticando laparotomias diarias, mercê do rico material que lhe proporcionavam o hospital e a clientela, elle logrou, ao cabo de algum tempo, technica tão exacta, mãos tão ageis e seguras, que difficilmente alguém o excederia na precisão e rapidez de suas operações.

Se ha exagero em affirmar que Vieira de Carvalho foi o creador da gynecologia operatoria entre nós, é incontestavel que elle foi aqui o vulgarizador das grandes intervenções gynecologicas. Datam da sua época e promanam da sua actividade a inclusão no ról das operações correntes e accessiveis á maioria dos nossos cirurgiões, das hysterectomias abdominaes e vaginaes, das ovariectomias e das diversas pexias utero-ligamentares. As suas demonstrações praticas feitas todos os dias e durante annos nas salas cirurgicas da Santa Casa, constituiram um verdadeiro curso da especialidade, precursor do que elle mais tarde com tanta proficiencia, iniciava como cathedratico da Faculdade. Se hoje em S. Paulo a cirurgia abdominal é tão larga e tão brilhantemente praticada, valendo aos nossos profissionaes nomeada tão bella e á nossa profissão prestigio tão alto deve-se em parte apreciavel e sem nenhum favor, á escola de Vieira de Carvalho. Elle se fez o primeiro dos nossos gynecologistas, a mais acatada autoridade em assumptos dessa disciplina medica. Era, portanto, natural, como era logico e inevitavel, a sua investidura na cathedra de gynecologia da Faculdade de Medicina.

Nessa derradeira phase de sua vida não me foi dado acompanhá-lo tão de perto quanto eu desejara, nem tive a fortuna de ouvir uma só de suas lições. Quem leu, entretanto, a sua prelecção inaugural não precisou de mais para aferir do seu preparo scientifico, da sua cultura, do seu espirito philosophico, de suas invejaveis qualidades didacticas.

Vivendo sob o mesmo céu, respirando o mesmo ar, mourejando na mesma labuta, conheci bem as seducções da sua pessoa, testemunhei o respeito e o filial affecto de que o cercavam os seus discipulos, partilhei da dor que alanceou os corações, quando o vento da morte, numa rajada brutal e traiçoeira o arrebatou.

Tal foi, senhores, em esboço desalinhado e incolor a singular figura de homem e de cientista a quem o destino me faz succeder. Successão difficil e honrosa, disse eu algures e repito hoje! Encargo de grande peso e responsabilidade para quem ensaia as suas primeiras armas no magisterio e só conta com o próprio esforço para vencer. Pouco importa! Tenho o habito do trabalho e o espirito affeito ás lutas. Não vos falte boa vontade, que a mim não me faltará animo nem decisão. Trabalhemos, pois, com afinco e desassombro, viseira erguida e olhos fitos no futuro. Se acontecer em meio da jornada nos escassearem as energias e nos entorpecerem os membros, retemperemol-os á lembrança do mestre desaparecido, busquemos novo alento no exemplo que elle deixou. Se, ainda assim, não nos protegerem os fados nem nos permittir o destino vencer os tropeços do caminho e alcançar o termo da viagem, que, ao menos "*nos seja dado attingir a curva da estrada e galgar o outeiro donde se possa divisar distante, na bruma longinqua, a linha jugitiva do horizonte onde repousam os nossos ideaes*".



APPARELHO RETICULAR INTERNO DE GOLGI NAS CELLULAS DOS GANGLIOS SENSITIVOS DE TATU'S

Comunicação com apresentação de preparados de M. de F.
AMORIM e M. LINDENBERG á Sociedade de Medicina
e Cirurgia de S. Paulo, na sessão de 16 de Agosto de 1921

O acolhimento muito lisonjeiro feito por parte dessa Sociedade a uma nossa comunicação de poucas semanas atrás venceu o nosso natural receio na decisão de apresentar ainda uma vez preparações que se referem a uma particularidade cytologica aliás já muito conhecida dos histologos e que nos foi possível obter em preparados feitos com intuitos essencialmente didacticos.

Achamos, porem, que o conhecimento da particularidade em questão — **o aparelho reticular interno de Golgi** — não é ainda no nosso meio tão diffuso que torne superfluo de modo absoluto a nossa brevissima comunicação.

Desde a primeira vez (1898) que Golgi communicou os seus primitivos achados de aparelho reticular interno nas cellulas de Purkinje do cerebello até agora, fez-se uma literatura verdadeiramente riquissima sobre este assumpto, literatura que nem tentamos resumir. Golgi mesmo, em differentes occasiões e os seus numerosos alumnos, Cajal e a sua escola, como tambem outros pesquisadores, conseguiram demonstrar a existencia do aparelho reticular interno, póde-se dizer, em todas as cathegorias de cellulas animaes e vegetaes, normaes e pathologicas. Deste módo as formações primeiramente descriptas por Golgi, as quaes conservaram tambem a primitiva denominação adoptada por este sábio sem prejuizo da interpretação physiológica das mesmas, devem ser consideradas como um conjuncto que tem o valor de uma exstructura fundamental e, por isso, de um órgão constante da entidade celular; e como tal nós encontramos descripto o dito aparelho em todos os tratados mais recentes de Histologia.

Mas, se o aparelho reticular interno é geralmente tido como uma estrutura essencial, como um órgão fundamental de cellula, não existe certamente accordo entre os pesquisadores, nem sobre a sua interpretação, nem sobre a sua intima constituição. Limitamo-nos a lembrar as hypotheses da equivalencia desse aparelho reticular com o "trophospongium" de Holmgren, as relações com a "centroesphera" de Ballowitz, com a substancia tigreide de Nissl das cellulas nervosas, com o conjuncto de estruturas que se consideram com a denominação de "chondrioma" a sua participação nas diferentes phases da mitose ("dittocinese" de Perroncito), a existencia em algumas cellulas de dois aparelhos reticulares, um grande e um pequeno independentes, etc.

A quem possa interessar poderão ser uteis uma revista completa relativamente recente de Pappenheimer (1916), as ultimas publicações de Pensa (1917-1920), e as recentissimas de Riquier (1920) e de Cattaneo (1920-1921).

O aparelho reticular interno na sua forma mais commum se demonstra com métodos de impregnação metallica, entre os quaes salientamos os de Golgi (1908), de Kopsch (1902), de Cajal (1912). Como todos os methods de impregnação matallica, os diferentes processos precisam de muito cuidado e assim mesmo nem sempre se podem obter os resultados que se poderiam esperar em relação á constancia, como tambem á uniformidade da reacção. Applicamos o methodo de Golgi como foi publicado na sua formula definitiva em 1908; e com esse methodo tivemos a fortuna de obter, desde as primeiras provas, optimos resultados, como resalta facilmente dos preparados que temos a honra de apresentar. Sendo encarregados pelo Dr. Bovero de apromptar preparados de aparelho reticular interno para as demonstracções escolares quizemos applicar o methodo de Golgi especialmente sobre os ganglios sensitivos dos Desdentados (Tatús), em complemento ás nossas pesquisas sobre a morphologia cellular dos mesmos ganglios. O methodo usado consiste essencialmente na fixação de pequenas peças por 6 a 24 horas em uma mistura de formol, acido arsenico purissimo e alcool; passagem em uma solução de nitrato de prata por poucas horas, ou até por alguns dias; revelação photographica numa solução aquosa de hydroquinona, sulphito de sódá e formól; endurecimento, inclusão; viragem sobre os córtes, não absolutamente indispensavel, numa solução de hypsulphito de sodio, sulpho-cyanureto de ammonio, com adjuncção de chloreto de ouro; sobre os córtes, virados ou não, podem-se tambem fazer colorações adjunctivas.

Dissemos que os resultados por nós obtidos foram lisongeiros; alguns, de facto, apresentam-nos uma disposição do aparelho reticular que corresponde, pode-se dizer, eschematicamente ás figuras

publicadas por Golgi e por Cajal para as cellulas gangliares espinhaes dos differentes mammiferos.

Nos casos bem succedidos ou, melhor, nas cellulas onde a reacção do aparelho reticular foi boa e completa, em córtes relativamente espessos de 10 até 24 micra, é visivel um conjuncto de filamentos dispostos em novello, abrangendo o nucleo vesicular por toda a parte peripherica do corpo da cellula gangliar. O filamento ou os filamentos que constituem o novello se apresentam fortemente flexuosos, constituindo alzas apertadas; em relação ás flexuosidades ha muito frequentemente dilatações do filamento, que apparece assim de calibre differente, isto é, varicoso. Na parte do novello que olha para a vesicula nuclear o filamento constitue aqui e alli pequenas agglomerações de alzas de maneira a formar equenos lóbulos. Nas cellulas gangliares espinhaes nos Tatús, que, como é sabido (Ayrósa), têm uma morphologia relativamente simples, não encontramos a penetração da partes do aparelho reticular no prolongamento, como acontece nas cellulas nervósas centraes (Golgi, Cajal, etc). O aparelho se apresenta differentemente nos córtes, segundo a espessura dos mesmos e segundo a direcção na qual são cortadas as cellulas. Para demonstracção melhor dos aparelhos reticulares não são aconselháveis os córtes por demais finos; nestes os ditos aparelhos apparecem como granulações irregulares, ou como pequenas alzas descontinuas; é necessario ter córtes de uma certa espessura, de 15 a 25 micra, para que a continuidade do filamento do novello possa seguir-se nos differentes planos do preparado. Quando o cóрте encontra a cellula tangencialmente, o aparelho póde apparecer na sua periphèria como que franjado, e a suas partes constituintes mostrarem-se então com terminações livres. Quando pelo contrario a cellula é encontrada pelo cóрте na sua parte média, o aparelho reticular apparece como um anel perinuclear completo, ou como um anel incompleto em semi-lua, quando o nucleo se mostra excêntrico. Nem todas as cellulas gangliares, mesmo nos casos de reacção bem succedida, nos mostram evidente o aparelho reticular, mas, podem apresentar-se pelo contrario com protoplasma homogèneo, ou mais ou menos grosseiramente granuloso, devido á precipitação incompleta dos saes de prata, sendo somente uma parte das cellulas gangliares utilisaveis para a demonstracção do aparelho reticular. Em muitos ganglios das nossas differentes provas, são precisamente as cellulas mais internas aquellas que apresentaram tambem os melhores reticulos. Nos preparados com reacção boa do aparelho reticular, com ou sem viragem em chloreto de ouro, deu-nos optimos resultados uma coloração successiva com uma hematoxilina qualquer; com esta, alem do nucleo e do nucleolo, o cytoplasma, entre as alzas do aparelho reticular apparece ligeiramente violeta ou

azulado, ficando tambem corados os nucleos da capsula da cellula gangliar. A viragem sobre os córtes, depois da revelação, tem como resultado deixar mais intensamente preto o aparelho reticular; achamos verdadeiramente elegantes particularmente os preparados virados e em seguida corados com hematoxilina em um segundo tempo.

O exame dos preparados que temos a honra de apresentar dispensa-nos de muitas palavras e, por isso, nos limitamos a essas brevisimas considerações, não sendo nosso intuito entrar em pormenores demasiadamente minuciosos, que, aliás, representariam simplesmente uma repetição inutil de quanto está na literatura. Julgamos novo o material utilizado nas nossas tentativas; deixamos á competencia dos ouvintes julgar se o intuito didactico das nossas preparações foi alcançado sufficientemente.

(Do Laboratorio de Histologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, dirigido pelo Prof. Dr. A. BOVERO).

DO ESPIRITO E CORAÇÃO EM MEDICINA

CONFERENCIA FEITA NO CENTRO ACADEMICO "OSWALDO CRUZ"

PELO

DR. RAUL BRIQUET

Embora conscio de que outros se desempenhariam incomparavelmente melhor do que nós do honroso encargo de realizar uma conferencia com que se commemore a fundação desta Faculdade, accedemos ao amavel convite do Centro "Oswaldo Cruz" para tão só affirmar solidariedade com a mocidade academica.

A data que se celebra é, sem duvida, gratissima, e aquella em que repousam as melhores esperanças da classe medica paulista. Confrontando-a, hoje, com o que era um decennio atrás, não poderemos negar que apreçavel beneficio ella já colheu de nossa Faculdade. Consolidaram-se reputações, e outras se formam no estímulo do magisterio onde, incandescido pelo trato com os alumnos, acrisola-se o amor ao estudo.

Commemorar a criação da Faculdade de Medicina de S. Paulo importa recordar sempre o nome de seu benemerito organizador Arnaldo de Carvalho, que conseguiu, na inflexivel directriz traçada, congregar os elementos a quem confiou a efficiencia e o futuro da medicina paulista. Que jamais o esmorecimento quebrante a fé no engrandecimento desta Escola, e, assim, ver-se-á consagrada a magnificencia de seus ideaes.

* * *

Durante o tirocinio academico mister é que se desenvolva o raciocinio e a pratica do bem — unica base solida para futuros aperfeiçoamentos.

Não obstante conhecerdes os preceitos de methodologia e cultuaredes com esmero os sentimentos affectivos, quizeramos sobre o assumpto fazer ligeiras considerações, porquanto, affirma Renan, pôde-se nos intersticios do trabalho e do pensamento collocar uma immensidade de cousas.

As idéas crescem em razão directa do exercicio das funcções cere-

braes, do tempo que se consagra á meditação, e da variedade de objectos que se desenvolvem no decurso da existencia. Daí o conselho de cêdo se disciplinarem o raciocinio e os methodos a elle conducentes.

Em medicina, é verdade, o rigor logico não pôde ser applicado em toda a plenitude, entretanto, por isso mesmo, cumpre não esquece-lo, sempre que possível, afim de se attenuarem os vicios inherentes á nossa arte, de feição que se alcance desentranhar do acervo anarchico de conjecturas, mais ou menos arbitrarías, o criterio seguro da investigação clinica.

Como é sabido, a methodologia comprehende a "inducção" e a "deducção" completando-se ambas na pesquisa da verdade.

Elabora-se a inducção da "observação" "experimentação" "comparação", que offerecem o material para a "generalização"

OBSERVAÇÃO

A observação é o substracto da medicina. "Ars medica tota in observationibus" (Bacon).

Ponderava Lamarck: "Todo conhecimento que não é producto real da observação ou de consequencias della emanadas, é inteiramente infundado e positivamente illusorio"

A observação é tarefa dos sentidos; da percepção, em summa. Impende-lhe ser "exacta" methodica" e "completa"

Para Orfila, (1) o observador deve possuir os predicados seguintes: a) "curiosidade scientifica" (desejo de interpretar os phenomenos); b) "amor á verdade" que se trifurca em "exactidão" (vêr o que compete, nem mais nem menos), "sinceridade" (reconhecer factos contrarios ás idéas proprias), e "imparcialidade" (não possuir juizo aprioristico); c) "attenção"; d) "paciencia" e "perseverança"; e) "penetração de espirito" que supera a sagacidade. "Um medico sagaz vê perfeitamente que a causa apparente de uma molestia não é a verdadeira, ao passo que só a descobre o medico que possui tal qualidade" (Janet).

Necessario é apartar a "observação" de sua "interpretação": a primeira colhe, por exemplo, o symptoma; esta sobre elle emite juizo.

Na maioria das vezes, o observador só procura phenomenos conhecidos; o seu merecimento está em descobrir novos aspectos ás questões.

Assim se explica porque, após a publicação de novas formulas symptomaticas, reconhecem-se numerosos casos da molestia capitulada nova; o que é novo, porém, é o registo, a inclusão nosographica de syndromes mais ou menos complexas, que passaram despercebidas ás gerações anteriores.

Preciso é levar em conta os vicios, assim de percepções falsas, como de observação propriamente, que podem ser por "deficiencia", "excesso" ou "substituição"

Veza ha que não se consigna o facto verdadeiro: é o "êrro por deficiencia" commum aos que examinam o doente com dia-

(1) Pou y Orfila, autor de "Logica e Pedagogia medicas" Montevideu 1915-1916, excellente obra, cuja leitura nos foi muito util.

gnostico preestabelecido, de modo que desconhecem o existente e só verificam determinados symptomas.

O “êrro por excesso” é encontradiço naquelles que recommendam novos methodos de exploração ou de therapeutica; descobrem sempre o complexo favoravel ao preconicio de suas idéas.

O “êrro por substituição” por fim, resulta da desatenção com que se procede ao exame.

EXPERIMENTAÇÃO

No conceito de Cl. Bernard, a experimentação nada mais é que a observação provocada.

O clinico que perquire symptomas para verificação diagnostica, ou recommenda uma medicação qualquer, soccorre-se do methodo experimental porquanto não se podem prejudgar as reacções organicas promovidas pela molestia ou pelo tratamento.

Impõe-se muita prudencia no apreciar a transferencia ao organismo humano vivo dos resultados de experimentos executados fóra d'elle. O delicado determinismo, imprescindivel para lhes conferir efficacia, torna-se muitissimo complexo no caso de molestia.

COMPARAÇÃO

A observação e a experimentação associadas constituem a “comparação” ou “observação comparativa” que exige duas experiencias — a “prova” e a “contra-prova” Cl. Bernard conferia importancia substancial a esta, pois “a unica prova que um phenomeno desempenha papel de causa em relação a outro”, affirmava o grande physiologista, é “fazer cessar o segundo, supprimindo o primeiro”

Posto que em medicina o recurso da comparação seja precario, em virtude da difficil redução á unidade das divergencias especificas nos typos considerados, muito se deve esperar desse methodo para o progresso de nossos conhecimentos.

A comparação é de adoptar-se em todos os casos que não comportam o methodo experimental, e preenche as falhas que este e a observação possam apresentar.

Como á observação, cabe ao methodo comparativo apontar ou dispôr o material utilisavel pelos experimentos.

CONDICIONALIDADE

O objectivo da investigação é a “causa”, isto é, a actuação de factores no apparecimento de phenomenos. Referimo-nos á causa proxima, e não á remota ou primaria, cogitação van, uma vez conhecidas as leis que regem os respectivos phenomenos.

A tendencia moderna é averiguar as “condições” que provocam determinado phenomeno, quer dizer, o problema da “condicionalidade” prevalece ao da causalidade, com o qual, estrictamente falando, se confunde, porquanto a causa se póde reduzir a um conjunto de condições.

O essencial é repellir o habito de invocar-se pluralidade de causas para um mesmo effeito, tal no problema etiologico da eclampsia; ou, inversamente, admittir-se causa unica e exclusiva para effeitos diversos, como na etiologia dos tumores, em que a argucia

de numerosos indagadores se tem quebrado de encontro a essa preconcebida idéa.

A doutrina da condicionalidade deve subordinar-se ao criterio de positividade (exactidão e destinação pratica).

HYPOTHESE

A observação conduz á "hypothese", supposição não confirmada; quando provada, constitue a "theoria". Apesar desta simplicidade definitiva, é vulgar promover a theorias hypotheses arrevesadas e illogicas. Em separar o facto da hypothese está o criterio.

Na hypothese devem observar-se os seguintes principios: a) primordialmente, a "simplicidade", consoante a primeira lei universal: "formar a hypothese mais simples e mais sympathica que comporta o conjunto dos dados a representar". b) secundariamente: a "analogia" (effeitos identicos decorrem de causas identicas); a "adaptação" (funções normaes e pathologicas implicam correspondencia nos respectivos orgams), e a "evolução" (os phenomenos physio-pathologicos são evolutivos).

A hypothese deve assentar-se em larga observação, jámais dispensando a demonstração comparativa.

Sempre que se invocam varias hypotheses sobre um mesmo problema, por vezes contraditorias, manda o bom senso que se faça integral revisão de seu estudo.

DEFINIÇÃO

Vicio que anarchisa o methodo é a "definição" defeituosa.

Devia considerar-se um deus, disse Platão, aquelle que soubesse bem definir e dividir.

A definição deve ser: "breve" — excluir o que compete á descripção e só mencionar os seus componentes insubstituiveis; "essencial" — indicar o genero proximo a que se subordina e a differença especifica que a distingue; e "equivalente" ou "reciproca" — abranger todo o definido e só elle. Não deve ser: "circular" — redigida com palavra que se define ou lhe seja synonyma; "obscura" — formulada com vocabulos destituídos de significação clara; e "negativa", isto é, deve preferir-se sempre a affirmação de um facto á sua negação.

Pascal aconselhava evitar a ambiguidade dos vocabulos, substituindo-os mentalmente pelas definições que os restringem e explicam. Póde-se, outrossm, troca-los pela expressão antonyma

LINGUAGEM MEDICA

A definição requer vocabulario adequado. Nunca é ocioso esmerar-se na selecção das palavras, em sua propriedade e puréza. Quantas discussões cessariam uma vez acertada a terminologia!

A nomenclatura medica é confusa e, sob certo aspecto, inacessivel á melhor retentiva. Como guardar a serie interminavel de nomes proprios que significam, a miude, coisas rasteiras na importancia? Nesse particular, seria recommendavel pespor-se sempre o nome do autor á designação do facto ou phenomeno. Assim, dir-se-ia bacia obliqua ovalar, de Naegels, e não, simplesmente, bacia de Naegele; pulso puerperal de Blot, e não apenas pulso de Blot. etc.

E' censuravel o vêzo de se caracterisarem os phenomenos biologicos como se os respectivos agentes possuissem consciencia psychica: é o que se chama "descripção vitalista anthropomorphica" Em identico reparo incorrem as "metaphoras teleologicas"

Expurgue-se a linguagem medica de taes excrescencias que depõem contra o espirito criterioso.

Ao investigador não corre senão o dever de expôr os factos como se verificam e produzem, apontando o seu determinismo, sem preoccupações de causas primarias ou finaes.

DIVISÃO

Comprehende-se a utilidade de divisões, obedecendo á regra cartesiana de "percorrer para complemento da sciencia, em movimento continuo do pensamento, todos os objectos que se prendem ao nosso fim, e abrange-los em sufficiente e methodica ennumeración.

Baseada em caracter importante e essencial, a divisão deve ser: "total"; "opposta" isto é, as partes devem excluir-se reciprocamente; "gradual"; obedecendo á gradação natural, anatomica ou physiologica; e "proporcionada", a saber, nem excessiva, nem insufficiente.

Orfila recommenda a seriação seguinte: chronologica, dimensoria, morphologica, e, segundo a oodem expositiva: etiologica, pathogenica, physio-pathologica, anatomica, pathologica, symptomatologica, diagnostica, prognostica e therapeutica.

Na divisão segundo as "semelhanças" e "differenças" que constitue a "classificação", levar-se-á em conta a hierarchia scientifica, e. respeitante á physiologia, p. ex., enunciam-se as funcções de acôrdo com a enunciação philosophica.

DIAGNOSTICO

A applicação medica, por excellencia, dos methodos inductivo e deductivo depara-se no problema do "diagnostico"

Induz-se quando se procuram symptomatas e signaes clinicos.

Deduz-se impondo ao caso clinico o "syllogismo" instrumento do methodo, que comprehende, como se sabe, duas premissas (maior ou menor) e a conclusão.

A premissa maior corresponde ao conceito da molestia e sua caracterização universal; a menor á observação do caso clinico, e a conclusão ao diagnostico.

Distinguem os autores, e com elles Orfila, a quem seguimos de perto neste passo, dois objectivos no diagnostico: I) conforme os factos, a saber, aquillo que se pesquisa (quid diagnosticandum); II - consoante o criterio ou como se procede (quomodo diagnosticandum).

O primeiro (I) (quid diagnosticandum) abrange dois fins: A) a molestia; B) as condições sociaes do doente.

A) O diagnostico da molestia, ou "pathologico" propriamente, considera a evolução e o estado presente do processo morbido e concerne: 1) á "molestia"; 2) ao "doente" (factores intrinsecos). Subdivide-se o diagnostico da molestia em: a) "somatico" e b) "psychologico"

Consta o diagnostico "somatico" do "anatomo-pathologico, funcional" ou physio-pathologico", e "condicional" (etiologia e pathogenia).

O "anatomo-pathologico" responde ao quesito "ubi est morbus?"; o "funcional" delles o mais philosophico, baseia-se no conceito synergico das funcções hygidas ou perturbadas; o "condicional" ou "causal" estuda as condições ou causas de apparecimento da molestia e seu modo de actuação.

No diagnostico "psychologico" indaga-se o factor moral. Elle se incluye, em rigor, no exame funcional.

2) Quanto aos factores intrinsecos, o diagnostico do doente averigua a idade, sexo, temperamento, etc., e é chamado "individual"; investiga, em summa, a questão do "terreno".

B) No diagnostico "social" inquires-se os factores que definem o doente na sociedade: hereditariedade, profissão, etc.

II Conforme o "methodo" adoptado, ("quomodo diagnosticandum"), o diagnostico é: A) intuitivo"; B) "racional"; C) "intuitivo-racional"; e D) "classificador".

A) No "intuitivo" ou "synthetico" colligem-se os signaes e symptomas, que serão cotejados em quadros symptomaticos verificados em outros doentes.

B) Esmiuçam-se, successivamente, no "racional" ou "analytico", as diversas desordens funcçionaes e organicas.

Como se depreheende, o diagnostico "intuitivo" vale-se, de preferencia, dos ensinamentos theoreticos, e o "racional" da experiencia clinica; o mais consentaneo, todavia, é fundi-los no methodo "intuitivo-racional" (C).

O diagnostico "classificador", ainda denominado "nominal" ou "nosographico" incluye o juizo clinico no conjunto das molestias. Representa a systematização.

Compreheende este methodo cinco variedades: 1) "positivo"; 2) "diferencial"; 3) "por exclusão"; 4) "inductivo"; 5) "deductivo" este bipartindo-se em a) "ex-juvantibus", e b) "ex-nocentibus"

1) No diagnostico "positivo", estudam-se as manifestações proprias a determinada molestia; buscam-se-lhe as analogias, de onde tambem o nome de "diagnostico por analogia"

Os symptomas, aqui, se dividem em "pathognomonicos" ou "communs" e "constantos" ou "inconstantos".

Diz-se: "X=A", porque "X" possui caracteres identicos á descripção classica de 'A'

2) No diagnostico "diferencial" por via de regra complementar do precedente, compara-se determinado cortejo symptomatico as de outras molestias similares, e avaliam-se as analogias e differenças encontradas, quer positivas, quer negativas.

Exprime-se "X=A" não só porque "X" possui symptomatologia igual a de "A", como por não ser "B" ou "C"

Nesse methodo, grupam-se os symptomas em "positivos" e "negativos"; ou "presentes", "ausentes" e "excedentes".

Denominam-se "indices differenciaes" os caracteres que permitem discernir uma molestia de outras (Bieganski).

Para facilidade de estudo, convem distribuir os symptomas em "quadros de comparação" ou "parallelos", onde as linhas verticaes se destinem aos indices differenciaes, e as horizontaes ás molestias que se irão discriminar. Taes quadros se dizem "binarios" quando comprehendem duas molestias. "ternarios", se três, etc., e têm a

vantagem de apresentarem, em synopse, as divergencias clinicas fundamentaes. Com elles pôde cotejar-se este ou aquelle symptoma em varios processos morbidos.

Formulam-se as hypotheses que o exame clinico autorisa, analysam-se os symptomas que são apreciados nos casos em que poderiam ser presentes, constituindo este acto a contra-prova. Evidentemente, o medico remontará á anamnese inclusive.

Varias hypotheses podem verificar-se.

Primeira: — Quando os symptomas “ausentes” e “excedentes” predominam, em qualidade e quantidade, sobre os “presentes”, exclue-se “A” (Primeira hypothese para considerar-se).

Segunda: — Quando os symptomas “presentes” têm primazia sobre os “ausentes” e “excedentes” conclue-se pela existencia de “A”

Terceira: — Quando as três variedades de symptomas se equivallem, o diagnostico fica suspenso por duvidoso.

Assim, seguidamente, para as hypotheses “B”, “C” “D”, etc.

Quarta: — Quando os symptomas “excedentes” sobrepujam, em importancia, os “ausentes” e “presentes”, a hypothese de syndromes novas, isto é, de entidade clinica desconhecida, deve ser encarada.

— 3) No diagnostico “por exclusão”, affirma-se que $X=A$ porque “A” não pôde ser “B” nem “C”. O erro está em não se abrangerem todas as hypotheses possiveis, pois perfeitamente poderia acontecer que “X” não sendo “A” “B” ou “C”, fosse “D”, hypothese não considerada. É indispensavel, portanto, preliminarmente estabelecerem-se as hypotheses viaveis, affirmando que “X” só pôde ser “A” “B” ou “C”. Neste processo, assevera-se a analogia de uma molestia pelas suas differenças symptomaticas.

— 4) Quando se applica o methodo “inductivo” levanta-se, depois de registados os symptomas, uma hypothese provisoria que será opportunamente confirmada ou negada pela marcha da molestia. Não é recommendavel porquanto escapam-lhe complicações importantes, e não exclue a existencia contemporanea de varios processos morbidos.

— 5) O diagnostico deductivo é limitado em suas applicações por depender do resultado therapeutico obtido com medicações havidas por especificas.

Se o tratamento for efficaz, (hypothese positiva), o diagnostico diz-se “ex-juvantibus” (de “juvare”, melhorar); se peora o estado do doente, (hypothese negativa), denomina-se “ex-nocentibus” (de “nocere” prejudicar).

Percebe-se quanto é vago tal criterio. Seria preciso, preliminarmente, comprovar a existencia de medicações especificas, no sentido de efficacia exclusiva a determinadas molestias, curando-as só e não outras. Demais, incide-se no sophisma do “post hoc, ergo propter hoc”, attribuindo-se á medicação a melhora ou o agravamento que poderia resultar, respectivamente, de factores estranhos.

O raciocinio no diagnostico “ex-juvantibus” seria, por exemplo: “O quinino melhora os casos de impaludismo”.

“O caso presente melhorou depois do uso de quinino”.

“O caso presente é de impaludismo”

No diagnostico “ex-nocentibus” mais sensivel é a fallacia.

O facto de não melhorar o doente com o medicamento reputado especifico não pôde invalidar o diagnostico. Por outro lado, “peorar”

e “não melhorar” são coisas distintas, sendo impossível afirmar que a melhora não se observou por causa da medicação.

O raciocínio neste caso seria:

“O tratamento pelo quinino melhora os casos de impaludismo”

“O caso presente não melhorou, ou piorou, depois do tratamento pelo quinino”

“O caso presente não é de impaludismo”

CONCEITO DE MOLESTIA

Muita vigilância se torna necessária para forrar-se o medico aos sophismas do raciocínio syllogístico. Deve-se, por isso, antes de tudo, firmar o verdadeiro conceito de molestia.

Em contraste com a harmonia individual, que traduz o estado hygido, a molestia caracteriza-se pela ausencia de unidade no consenso organico.

São identicas as leis que presidem ao estado de saude ou ao de molestia, resultando este, de accôrdo com a primeira lei geral, abaixo mencionada, das oscillações do estado normal além de seus limites de modificabilidade.

Três leis universaes estabelecem as relações da pathologia com o conjuncto da ordem natural.

Primeira lei: “as modificações quaesquer da ordem universal limitam-se sempre á intensidade dos phenomenos cujo arranjo permanece inalteravel”

Segunda lei. “Todo o estado, estatico ou dynamico, tende a persistir espontaneamente sem nenhuma alteração, resistindo ás perturbações exteriores”

Terceira lei: “existe por toda a parte uma equivalencia necessaria entre a reacção e a acção, se a intensidade de ambas fôr medida conformemente á natureza de cada conflicto”.

Na investigação das condições que provocaram o estado de molestia deve cuidar-se do facto moral — “egoistico” por excesso, ou “altruistico” por insufficiencia — para entender-se a genese do estado morbido.

Em regra, é o predomínio do primeiro que rompe o equilibrio cerebral indispensavel á integridade das funcções organicas. Tal preponderancia representa os factores predisponentes, ou o terreno, no qual vão influir as causas determinantes.

Se bem o altruismo raramente possa acarretar consequencias morbidas, explicam-se ellas nos individuos que, dotados de intensa sympathia universal, se despreoccupam das imposições indeclinaveis á manutenção corporal.

Como o processo physio-pathologico não se evidencia, de modo manifesto, em seus prodromos, deve o clinico referir-lhe a filiação, emprestando subido valor á anamnese. Os resultados desse interrogatorio podem ser contraprovados na observação do processo. gradual e lento, com que na convalescença o organismo retorna, por marcha inversa, ao equilibrio primitivo.

A segunda lei, (relações do organismo com o meio), esclarece a vulnerabilidade do prognostico. Resalta na tendencia espontanea de normalizar-se o organismo doente, e, ante essa lei universal, o medico saberá reprimir seus impulsos intervencionistas, só autorisaveis quando resolvam necessidade inadiavel.

Consoante a terceira lei, (reacções e acções verificaveis entre os diversos elementos do organismo, quer no estado de saude, quer no estado de molestia), a equivalencia estabelece-se inicialmente entre o organismo e o meio, depois entre o cerebro e as visceras e, por fim, entre os diversos aparelhos da economia.

Segundo os dictames deste principio, a therapeutica tem por escopo primacial indicar normas geraes de "regime", (regras moraes e hygienicas), dentro das quaes o organismo evolverá para o resta-belecimento

Convem ser meticoloso na iniensidade dos recursos therapeuticos convocados para reequilibrar os desvios organicos. Evitar-se-ão soluções perturbadoras que não correspondem ao conceito de molestia, nem á resistencia vital de cada tecido ou organo diversamente compromettido pelo processo morbido.

Jamais se olvidará a advertencia de "Comte": "o êrro logico essencial da medicina consiste em applicar processos geraes a casos especiaes"

* * *

Em regra, o espirito avassala o coração produzindo trabalhos que não consultam o estreitamento dos laços sociaes, objectivo de toda obra realmente util.

Tudo quanto nos torna mais sympathicos, melhores, ensina "Audiffrent" deve tornar-nos mais intelligentes e activos e, por consequencia, mais synergicos.

Como condição fundamental de exito sobrelevam os sentimentos altruisticos, isto é, os impulsos que partem do coração — unico movel de nossas acções.

Que valem doutrinas assentes em solida erudição se lhes fallece a virtude de tornar o medico solidario com a dôr alheia?

Só na pratica da bondade se supprem as desintegrações de energia que reclama a pratica medica. A prova está na observação diaria de que, regra geral, melhor curam os profissionaes que, perscrutando os conflictos da alma humana, sabem nella reflorir esperanças e serenar tormentas.

Na contemplação da morte accendra-se a grandiosidade de nossa missão; importa desenvolver tal receptividade que comprehenda, na visão evocadora dos que debalde imploraram a arte, como se ella encolhe modesta, e reduzida a coadjuvar a natureza no momento propicio.

Não se encarem só o caso clinico e os phenomenos que lhe são decorrentes. Ao abeirar-se do ancião alquebrado, percorram-se, em sua face arregoada, as vicissitudes de quem venceu meia centuria de lutas, e pede se lhe prolongue o occaso da vida onde se esgarçam seus derradeiros sonhos.

Attentae no sentimento determinante da indicação operatoria que se não sotopoz á vaidade pessoal. Descobri na inquietude do cirurgião o accidente imprevisto que põe em risco a vida do operado. Se a morte zomba da diligencia no salvar, fluctua a interrogação angustiosa sobre se a conducta foi irreprehensivel, se não houve aqodamento ou dilação, e se, de facto, fôra necessario o recurso sangrento.

Evitae as apreciações que maculam o credito do clinico mal afortunado. Distingui a impericia e desidia da fallencia therapeutica que não depende de exactidão no diagnostico e tratamento Recor-

dae-vos do coefficiente irreductivel de lethalidade, que se subtráe ás previsões. Sejamõs generosos para com o êrro albio: a arte não exige nem comporta a precisão da sciencia.

Não afagueis da medicina senão a opportunidade de derramar beneficos. Outr'ora, era ella praticada sómente por quem decidida vocação ou bastos recursos economicos permitissem a realização do nobilissimo sacerdocio. Hoje, muitos fizeram della mercatura innominal: o doente é um algarismo; a caridade, um trafico.

Só se legitima no medico uma indifferença — a do modo pelo qual serão compensados seus cuidados e devotamentos. Quanto se acertam comnosco as palavras de "Marco Aurelio": "só aos medicos, como aos reis, é dada a gloria de praticar o bem, sem cuidar em sua correspondencia"

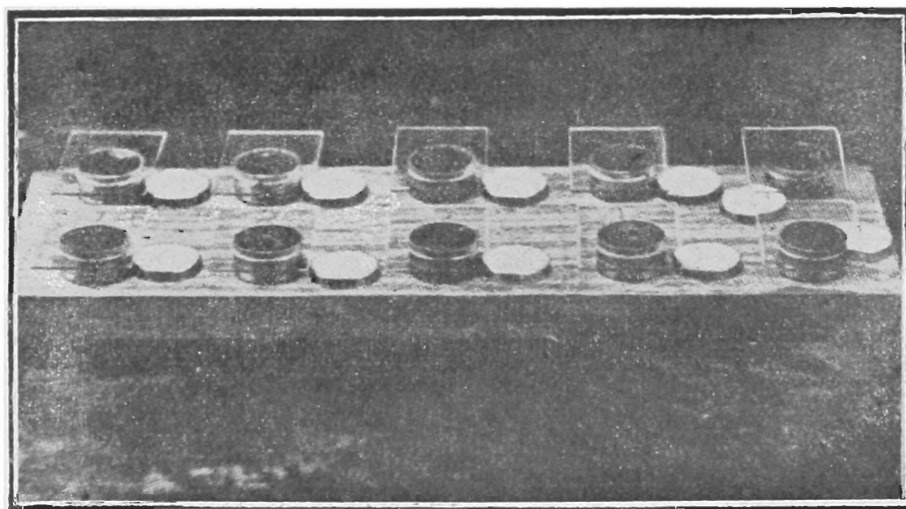
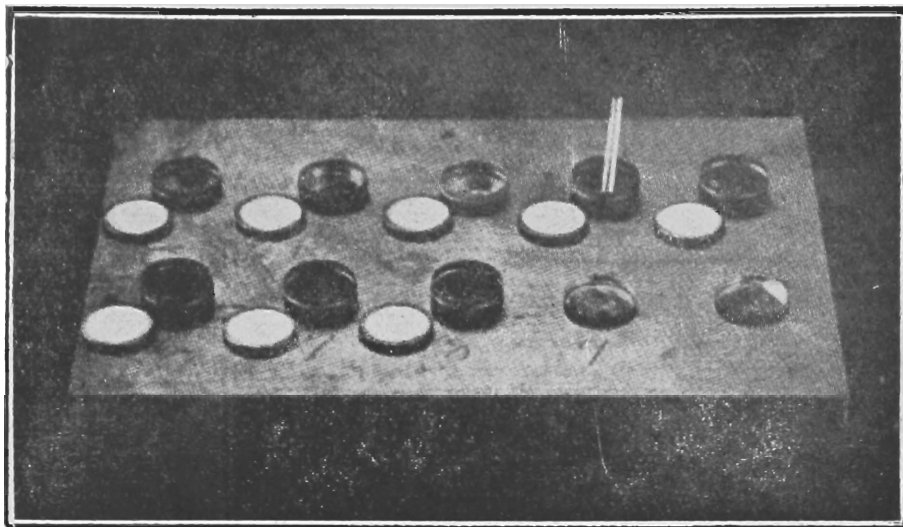
Não se arrefeçam os impulsos de bemfazer trás as brechas que, porventura, o desagradecimento tenha aberto no coração. Interpretem-se os aggravos do cliente desditoso como estímulo para aperfeiçoar a arte. Extinga-se em nosso regaço o éco das injurias, pois comprehendêr é perdoar.

Prevalecei-vos desta sazão fugaz para praticardes a camaradagem em sua ampla accepção, acatando o direito alheio e applaudindo o merito do companheiro. O estudo collectivo gera um parentesco moral que frondeja na convergencia das aspirações.

Do coração vêm os grandes pensamentos, disse "Vauvenargues". Por isso é que o espirito só assimila os grandes surtos do entendimento quando os envolva sympathia profunda pela obra do passado e pelo trabalho intelligente dos coetaneos. Possam as nossas acções attestar sempre o zelo incessante em prol da humanidade synthetizada numa cadeia indivizivel de amor.

Compraz-se o espirito na contemplação do caminho percorrido. Cumpre tecer em suavidade o manto de evocações sob o qual ao fim da jornada teremos de abrigar-nos. Que nenhuma imprecação turve a paz merecida e lambrança alguma de descaridade ou indifferença ensombre o encantamento do dever cumprido.

METHODO DE WILLIS PARA EXAME DE FÉZES



Methodo de Willis para exame de fézes

DR. SAMUEL B. PESSÔA

ASSISTENTE PENSIONADO DO INSTITUTO DE HYGIENE

Em geral os autores distinguem os portadores de ancylostomos dos verdadeiros doentes de ancylostomose; nem todos, porém, são deste modo de ver, porquanto para muitos, um individuo que alberga 5 ou 10 ancylostomos é um doente, bem como aquelle que albergando centenas delles, apresenta symptomas clinicos da molestia.

De qualquer maneira que se encare o problema, os portadores de vermes são tão importantes, sob o ponto de vista da hygiene, como os verdadeiramente doentes, porquanto são elles que sorateiramente introduzem a molestia numa região ainda indemne, ou aggravam-na onde já existe. Justificam-se pois pesquisas tendentes a se descobrir meios adequados para se diagnosticar não só doentes como portadores de vermes.

O methodo de escolha tem sido actualmente o exame directo das fézes; nos casos negativos centrifuga-se o material e com o centrifugado pratica-se um ou mais exames. Este methodo tão simples, não é entretanto bastante sensível, de modo a diagnosticar **todos os casos de ancylostomose**, isto é, revelar todos aquelles que tem ovos nas fézes. Assim o Prof. Smillie (1) usando este methodo directo, com a technica descripta em detalhe por Howard (2), tratando 40 casos negativos encontrou ancylostomos que variavam de 0 a 28, sendo que 5 dos individuos tratados albergavam mais de 10 ancylostomos.

Chegou-se mesmo a procurar a relação existente entre a eosinophilia e o numero de vermes, verificando Mhaskar, citado por C. Lane (3), não haver nenhuma relação entre estes dous factores.

Começaram, então, os pesquisadores a experimentar methodos com o escopo de se obter a concentração dos ovos e assim facilitar a sua pesquisa. Clayton Lane (4) descreveu um methodo por elle ideado; no Instituto de Hygiene, em 1920 praticamos cerca de 1.500 exames com um methodo usado pelo Prof. Darling na India-nesia, e baseado na propriedade que tem os ovos de fluctuarem quando collocados numa mistura de glicerina (1 parte) e solução de chloreto de sodio (2 partes).

O melhor methodo e o mais simples, que até hoje temos usado é o de Willis,, aperfeiçoado por Molloy. (5)

A technica do methodo de Willis é a seguinte: usa-se a propria latinha em que vem o material (referimo-nos ás latinhas usadas pela C. Rockefeller e S. Sanitario); utiliza-se 3 a 4 grs. de fézes, e nella se colloca pequena quantidade de solução concentrada de sal de cosinha. Tritura-se bem as fezes e depois vagarosamente, com um conta gottas medico, enche-se a latinha, com a solução referida até a superficie. Logo que isto tenha sido feito colloca-se um lamina sobre a latinha e o microscopista faz a mesma operação com um outro material. Os ovos dos parasitas logo sobem á superficie da solução e adherem ao vidro. Poucos detricos adherem á lamina, usualmente os ovos se encontram em um campo limpo e claro.

Molloy aperfeição o methodo, de maneira a evitar que o operador segure a latinha quando procede a mistura das fézes com a solução do sal, affastando o perigo de cair ovos ou larvas do material em suas mãos na execução deste acto.

Para isto fixou 10 tampas das proprias latinhas, em uma taboa, com as concavidades voltadas para cima, e nellas se fixa o corpo da latinha quando se procede á mistura. O microscopista faz, successivamente, a mistura do material com a solução concentrada do sal nas 10 latinhas, e ac terminar o preparo da ultima, a primeira lamina está prompta a ser examinada.

Aqui trazemos alguns exames feitos no Laboratorio de Hygiene. Praticamos 64 exames de fézes dos alumnos do Instituto D. Anna Rosa; cada especimen foi examinado pelos tres methodos seguintes: 1) Howard — 4 laminas, duas directas e duas depois de centrifugado o material; 2) Fluctuação — 2 laminas com este methodo (mistura de glicerina, solução de sal de cosinha); 3) Willis — 1 lamina com este methodo.

Obtivemos os seguintes resultados:

Positivos para

	Ancylos- tomo	Ascaris	Tricoche- phalus	Hymeno- lepis	Strong.	Oxyurus
Howard (4 laminas)	24	25	38	7	6	0
Fluctuação (2 laminas)	25	21	32	12	2	0
Willis (1 lamina)	30	16	31	10	0	1

Por este pequeno numero de exames já se pôde ver que os methodos de fluctuação não servem para o diagnostico das larvas. Quanto para os outros ovos só assignalamos ter o de Willis corrigido 6 laminas em 64 exames para ancylostomo, não tendo diagnosticado 9 laminas para ascaris.

O Dr. Mario Pernambuco, illustrado chefe da Commissão Rockefeller para o Estado de São Paulo, acompanhou com vivo interesse estas experiencias preliminares por nós feitas, e em vista do excelente resultado resolveu substituir o processo que até então se usara para o diagnostico da ancylostomose nos postos que dirige, isto é, 2 laminas directas e duas depois de centrifugadas (Howard) pelo processo de Willis, uma só lamina.

Devido á gentileza do Dr. Mario Pernambuco, podemos aqui trazer o resultado de alguns exames effectuados no Posto de Bragança. Por elle pode-se ver que depois que se substituiu o methodo de

Howard pelo de Willis a porcentagem de casos positivos para encylostomo subio de 12 % para 23 %.

Segundo todos os microscopistas da Commissão este methodo e mais simples, mais limpo e mais rapido que o de Howard.

POSTO DE BRAGANÇA

	Janeiro e Fevereiro (Methodo directo)	Março (Methodo de Willis)
Fezes examinadas	1.153	1.029
Positivos para todos vermes	629 ou 54,5 %	629 ou 62,1 %
" " ancylostomo.	147 ou 12,7 %	241 ou 23,4 %
" " ascaris	416 ou 36 %	423 ou 41,1 %
" " trichocephalo	180 ou 15,6 %	161 ou 11,8 %
" " cestoides	25 ou 2,1 %	43 ou 4,1 %
" " cutros verm.	49 ou 4,3 %	52 ou 5 %

Autores citados

- 1 Smillie, (W G) A comparison of the number of hookworm ova in the stool with the actual number of kookworms harbored by the individual.
Am. Jour. of Trop. Med. Vol. I N.º 6 Nov. 1921.
- 2 Howard (H. H.) The control of hookworm disease by the intensive method.
Pub. N.º 3 The Rockefeller Found. Int. Health Board.
- 3 Lane (Clayton) Diagnosis on large scale in hooworm infection.
Ind. Jour. of Med. Research. Congress Number 1919.
- 4 Lane (Clayton) The technique of the levitation method.
Ind. Jour. of Med. Research. Vol. 7 N.º 1 Junho 1919.
- 5 Molloy apparatus for use in examining fecal specimens according to Willis technique.
The Bulletin of In. Health Board. Vol. II. Jan. 1922. N.º 3.

NOTICIARIO

OS ESTUDANTES E O CENTENARIO

Por iniciativa do Sr. Lucio Cintra do Prado, presidente do Centro Academico XI de Agosto, associação dos alumnos da Faculdade de Direito, movimentou-se a classe academica de S. Paulo no sentido da commemoração pela mesma data de 7 de Setembro de 1922, anniversario da proclamação de nossa Independencia politica.

Com esse fim reuniram-se até agora duas vezes os estudantes das Escólas Superiores da Capital, sob a presidencia do mesmo Sr. Lucio C. do Prado, e em salões das varias escólas, cedidos especialmente para esse fim. A essas reuniões, nas quaes teem sido apresentadas as idéas que, depois de discutidas e votadas, constituirão as bases de um programma para a commemoração em vista, teem comparecido os representantes das seis escólas superiores de S. Paulo, a saber; Escóla Polytechnica, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Cirurgia, Escóla de Pharmacia e Odontologia, Escóla Superior de Medicina e Veterinaria, e Mackenzie College.

Reconhecida em uma sessão prévia a impossibilidade da realização de reuniões ás quaes comparecessem todos os alumnos das escólas acima mencionadas, ficou deliberado a representação de cada uma dellas por uma commissão de 33 membros, nomeados entre os seus alumnos; essas nomeações foram feitas pelos presidentes das associações de alumnos, existentes em cada escóla.

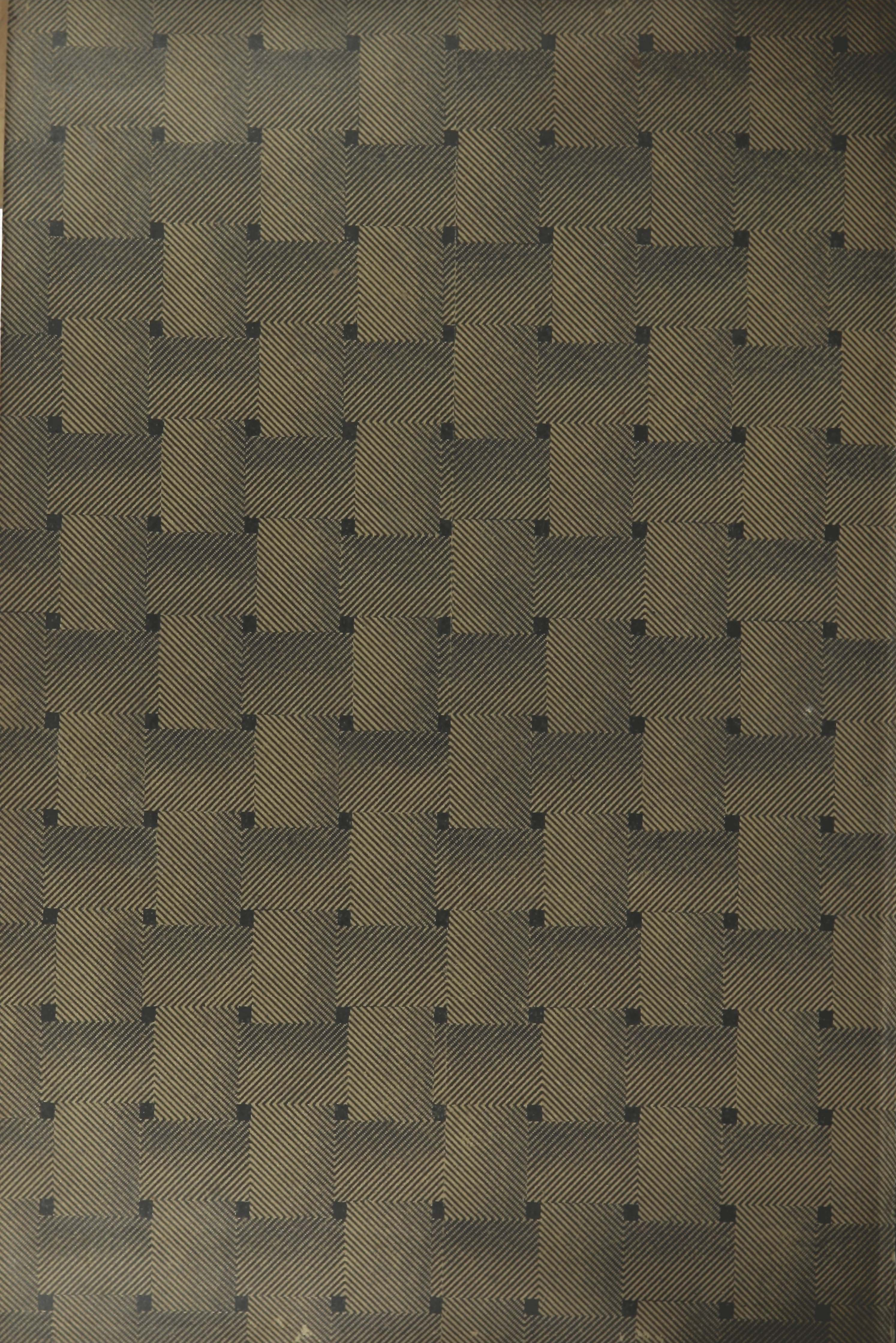
Organizadas assim as representações, foi na mesma sessão deliberada a seguinte ordem para a marcha dos trabalhos:

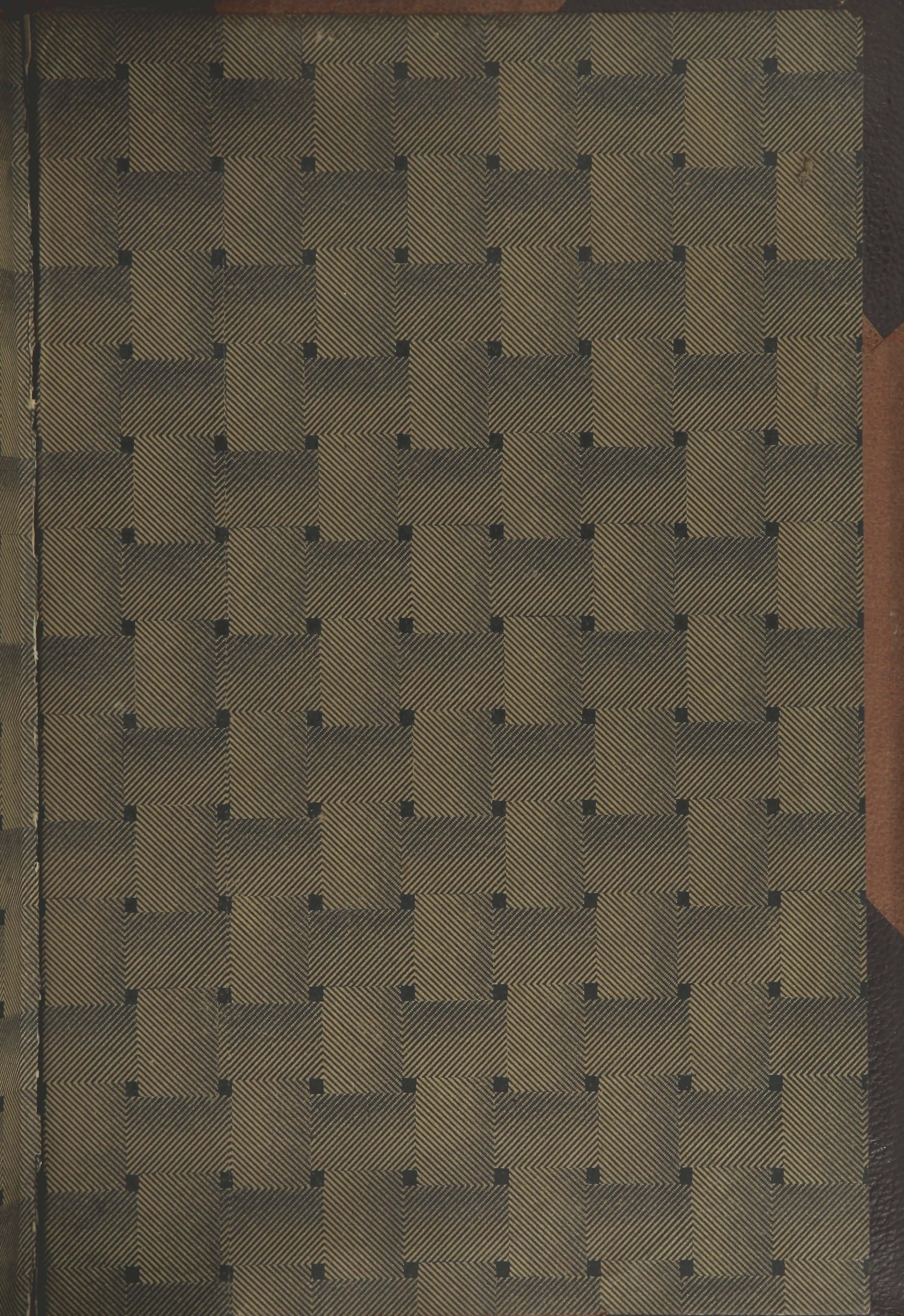
1.º Realização de sessões nos quaes fossem apresentadas e justificadas as idéias e projectos a serem discutidos.

2.º Após um intervallo de tempo, durante o qual as Comissões de cada escóla receberiam do resto dos alumnos das mesmas outras idéias e projectos a serem discutidos, realização de sessões para a discussão e votação de todos os trabalhos apresentados.

Obedecendo a esse programma, realizaram-se já 2 sessões, uma no Salão Nobre do Mackenzie College, e outra no Amphitheatro de Physica da Escóla Polytechnica; nellas foram justificados innumerous projectos para commemoração do Centenario pelos estudantes, e d'aquelles que forem approvados daremos em proximo numero circumstanciada noticia.

Os trabalhos continuam, devendo começar na proxima sessão as discussões; é grande o entusiasmo e a harmonia de vistas que reinam entre os estudantes, podendo-se esperar desse seu esforço uma commemoração digna de nossa Independencia por parte da classe academica de S. Paulo.





ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que fazem parte da Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP. Trata-se de uma referência a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP são de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (dtsibi@usp.br).